

Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de
Espeleologia

SBE notícias



Nesta Edição

- Homenagens a Michel Le Bret
- Resultado do Edital de fortalecimento de Grupos de Espeleologia (Edital 01/2020)
- Reativação e andamento da Seção de História da Espeleologia
- Recomendações para atividades espeleológicas (COVID-19)
- Acervo de fotos da SEFE/eBRe
- Desmoronamento no entorno da Lapa Vermelha I
- Espeleologia Cultural: Um Olhar Sob Várias Perspectivas E Áreas do Conhecimento
- SEE disponibiliza vídeos sobre o programa TOPGRU
- Anfíbio encontrado em cavernas pode virar espécie-símbolo de Florianópolis
- Linhas de transmissão colocam em risco cavernas do Paraná
- Fauna e Flora - Complexo Caverna do Padre (BA)
- Conhecendo o Complexo Caverna do Padre remotamente
- Você higieniza seus equipamentos?

E mais: ciência, notícias e artigos.

MENSAGEM DA DIRETORIA

Não há outra forma de se começar esse editorial sem ser dizendo que é com grande pesar que a comunidade espeleológica se despede de um de seus mais proeminentes precursores, o francês Michel Le Bret, que faleceu em sua terra natal no último dia 27 de setembro, no auge de seus 93 anos. Fomos honrados com sua presença e entusiasmo em diversos capítulos da nossa história, dentre eles o da própria fundação da Sociedade Brasileira de Espeleologia, tendo inclusive sido o seu primeiro Presidente. Viveu diversas aventuras em expedições no Vale do Ribeira e em outras partes do nosso país, poeticamente retratadas em seu livro Maravilhoso Brasil Subterrâneo (1975), leitura obrigatória para todo espeleólogo brasileiro. Viveu no Brasil entre os anos de 1959 e 1970, no entanto, mesmo à distância, manteve contato permanente com Pierre Martin, que o atualizava acerca das descobertas espeleológicas brasileiras. Esteve conosco em diversas outras ocasiões, participando de expedições em regiões cársticas em todo o país.

Le Bret não poderia imaginar que aquela pequena organização que ele ajudou a constituir em 1969, a SBE, se desenvolveria ao ponto de ter mais de 2000 associados, distribuídos em praticamente todos os cantos do nosso país. Nem tampouco que um dia teríamos condições de fomentar com recursos financeiros os trabalhos espeleológicos dos nossos associados, como foi o caso dos sete grupos contemplados pelo Edital SBE 01/2020, cujos projetos poderão ser melhor conhecidos nesse edição do SBE Notícias e também nas lives que estão sendo planejadas.

A SBE de hoje é bastante diferente daquela fundada por ele, mas a sua essência é a mesma, a da busca incessante por conhecer e proteger o patrimônio espeleológico brasileiro. E é em honra ao seu legado que precisamos nos manter vigilantes, sobretudo no contexto atual, onde a iminente flexibilização dos mecanismos de proteção ambiental ameaça o carste e as cavernas. Após enfrentarmos uma temerosa tentativa de mudança do Decreto Federal 6.640/2008, que regulamenta o uso do patrimônio espeleológico inserido no contexto de empreendimentos passíveis de licenciamento ambiental, agora voltamos a nossa atenção ao novo programa do Governo Federal Mineração e Desenvolvimento, que tem como uma de suas metas o aprimoramento da regulamentação afeta às cavernas. É preciso que estejamos mobilizados e atentos, para que esse “aprimoramento” pretendido seja participativo e conduza a práticas sustentáveis.



Allan Calux
Presidente da SBE



Homenagem a Michel Le Bret

Por Leda Zogbi
Meandros Espeleo Clube

Quem foi Michel Le Bret

Difícil a incumbência de resumir em poucas palavras a história de uma personalidade tão ativa quanto a de Michel Le Bret, considerado “o Papa” da espeleologia Brasileira. Mas vamos lá...

Michel Le Bret nasceu na França, em dezembro de 1926 em uma família ilustre, de republicanos e de cientistas, incluindo Lazare Carnot (1753-1823) “o Organizador da Vitória” da Revolução Francesa, François Marie Carnot (1837-1894), que foi presidente da França e o inventor da termodinâmica, o físico Nicolas Léonard Sadi Carnot (1796-1832). Seu avô era Engenheiro de Minas, e seu pai, presidente do Sindicato Patronal das Minas Metálicas. Em 1940 quando a Alemanha invadiu a França, a família se refugiou na região de Cevennes onde o pai dirigia uma mina de chumbo. Ele o encarregou de ir ao fundo da mina fazer medidas com o topógrafo encarregado, para depois construir uma maquete da mina, e ele tomou gosto pela geologia. Depois, com a leitura de Martel e Casteret, se encantou pela espeleologia.

Formou-se Engenheiro de Obras Públicas, e foi morar no sul da França, para fazer o serviço militar. Lá conheceu Jacques Choppy, um apaixonado pela espeleologia, e juntos, aos finais de semana, iam explorar e topografar cavernas na região. Em 1953, Le Bret foi contratado como engenheiro na Rhodiaceta, empresa fundada pelo seu avô. No mesmo ano se associou ao Clã de Verna, um dos grupos de espeleologia mais ativos da época. Foram inúmeras as suas descobertas e conquistas, com destaque para as explorações na Pierre Saint Martin, onde descobriram o maior salão do mundo na época, que chamaram de Salão de Verna. Em 1955, com seu amigo Hubert Courtois, Le Bret desenvolveu o primeiro escafandro autônomo,



equipamento usado para ultrapassar os siões muito comuns nas cavernas europeias. Também ajudou Fernand Petlz no desenvolvimento de diversos equipamentos, os ancestrais dos equipamentos que usamos atualmente. Ainda em 1955, fez parte de uma dissidência do Clã de Verna que fundou um novo grupo, o Clã dos Tritons. Em 1957, casou-se com Colette Chazal, também filha de um Engenheiro de Minas. Ela aceitou se mudar para o Brasil com ele, onde a Rhodia estava implantando uma nova fábrica.

Vieram de navio em 1959, já tinham uma primeira filha e Colette estava grávida do segundo filho, que nasceu no Brasil. Se instalaram em São José dos Campos. Nesta época, Michel conheceu Domingos Giobbi e o Clube Alpino Paulista (CAP). Procurou o Instituto Geológico, e lá encontrou as referências de Richard Krone, com a descrição de cavernas no Vale do Ribeira. Era o que ele estava buscando...

Em 1961, foi visitar a sua primeira caverna no Brasil, a Casa de Pedra. No mesmo ano, esteve com Peter Slavec do CAP nas Furnas de Vila Velha. Em 1962, Conheceu Pierre Martin e Guy Collet, e em 1963, Philippe e Caille Goethals. Juntos viveram muitas aventuras no vale do Ribeira, com destaque para a travessia da caverna do Diabo, realizada pela primeira vez no dia 28/11/1964.

Neste período conheceu Vândir e Joaquim Justino (o famoso JJ) e com a sua preciosa ajuda explorou, mapeou e fez belos desenhos das cavernas da Água Suja, Santana, Jeremias, Ouro Grosso, Abismo Paçoca, entre outras.

Em 1968, Michel esteve com Guy Collet na Gruta da Mangabeira e na Gruta do Bode. Em 1969, durante o congresso de espeleologia em Ouro Preto, fundou a SBE, e foi seu primeiro presidente. Em dezembro do mesmo ano, teve um acidente vascular cerebral (AVC), e a Rhodia o repatriou para a França. Em



1970, foi operado com sucesso, e ele aproveitou sua estadia no hospital, para escrever o livro “Maravilhoso Brasil Subterrâneo”. A família se instalou em Lyon, onde a Rhodia lhe atribuiu a direção técnica de várias fábricas. Em 1973 nasceu sua 5ª filha. Publicou seu livro com recursos próprios em 1975. Nesta época, ocorreu a famosa “Crise do petróleo” e a Rhodia fechou todas as fábricas. Michel pediu seu afastamento e se associou a alguns amigos para abrir uma consultoria.

Continuava em contato com Pierre Martin que o colocava a par das descobertas no Brasil. Em julho de 1979, Michel resolveu voltar ao Brasil em férias, e visitou as cavernas do vale do Ribeira (Tapagem, Laje Branca, Casa de Pedra, e Santana), Minas Gerais (Lapinha), Goiás (Terra Ronca, Matilde 2, São Vicente I e Angélica) e Bahia (Mulungu do Morro e Brejões). Foi um “grand tour” para que ele se atualizasse sobre as descobertas realizadas após sua partida para a França.

Em 1984, Michel vendeu sua parte na empresa e resolveu se aposentar e morar no campo, gerenciando a propriedade herdada do avô, com um rebanho de 300 cabeças de gado.

Em 1994 Michel retornou ao Brasil e participou da expedição Goiás 94, em São Domingos, organizada pelo Grupo Bambuí, Groupe Bagnols Marcoule e GREGEO. Conjuntamente com Paul Courbon, Claude Chabert e Nicole Boullier, Michel investigou o amplo patô de arenitos que alimentam os grandes sistemas espeleológicos da região, assim como o sistema São Vicente. Nessa ocasião esteve também, pela primeira vez, na impressionante Gruta do Janelão, em Januária, norte de Minas Gerais. Em 1995 voltou para lá, convite do amigo Claude Chabert, para participar da topografia da caverna, quando pode explorar e topografar a galeria superior do Minotauro, que tinham acabado de ser descobertas.

Minha história com Michel

Tive o privilégio de conhecer Michel Le Bret em 2000. Numa ida minha profissional para a França, resolvi procurar o autor de um livro que me fascinou, “O Maravilhoso Brasil Subterrâneo”. Simplesmente liguei, disse que era brasileira, espeleóloga, e que queria ir conhecê-lo.



Michel Le Bret e Leda Zogbi na Gruta Cristal, 2004.



Michel e Colette. Foto Leda Zogbi, 2013.



Michel Le Bret com Dona Diva e Vандir. Foto Leda Zogbi, 2004.

Imediatamente ele me convidou para um almoço, no jardim da sua casa, que é um pequeno castelo na beira do rio Loire, a uns 150 km de Paris. Quando cheguei, ele me recebeu com sua inseparável esposa Colette. Ele já começou a falar comigo em português, super animado e caloroso.

Levei uma garrafa de cachaça que foi muito bem recebida: Michel adorava uma boa caipirinha. Queria saber tudo sobre as novas descobertas no Brasil, me contou diversos causos do seu passado de aventuras no nosso país. Me mostrou o seu castelo, herança da família, todo em pedra, com dezenas de quartos, que ele batizou com os nomes das cavernas brasileiras. Em um deles, me mostrou um móvel todo envidraçado, com prateleiras em vidro, iluminadas, repletas de seus achados: enormes pérolas de caverna, espeleotemas... Na época em que estive aqui, era comum os espeleólogos levarem consigo seus achados mais espetaculares. Saí de lá fascinada. Desde então, nunca mais deixei de visitá-lo em todas as oportunidades que tive de ir para a França.

Em 2004, organizamos o evento Carste 2004, pela Redespeleo Brasil. Decidimos convidar o Michel para fazer uma homenagem especial por tudo o que ele



tinha feito pela espeleologia brasileira. Liguei para convidá-lo, e logo ele me perguntou: “Vai ter uma expedição também, ou será só um evento? Se tiver uma expedição eu vou...”. É claro que organizamos a expedição. Dito e feito: ele veio para Belo Horizonte, onde foi devidamente homenageado em um jantar de gala, no qual fez uma palestra sobre suas explorações no Brasil. Depois, fizemos uma expedição para Varzelândia, norte de Minas Gerais, uma região inexplorada na época. Foi incrível ver o seu entusiasmo participando das explorações mais difíceis, passando por buracos que ninguém mais conseguia... Também fez belos croquis e desenhos. Ele já estava com 78 anos, mas deu um verdadeiro show.

Levamos o Michel na maravilhosa caverna Cristal, descoberta alguns anos antes. Diante de um escorrimento branco, todos tiramos os sapatos, e pedimos que ele tirasse o dele. Foi difícil convencê-lo: na sua época esses cuidados para não sujar as cavernas não era habitual. No final, ele acabou cedendo, o que rendeu depois um de seus belos desenhos. Surgiu também um convite para fazer uma descida de rapel na entrada da caverna da Laje Branca (naquele momento era uma atividade turística regular). Ele topou na hora! Nunca tinha descido com os equipamentos modernos de vertical, na sua época, só usavam escadinhas de aço e rapel clássico, com a corda passando pelas costas... A descida é longa, mais de 100 metros e a corda no início é bem pesada: para descer precisa fazer muita força. Mesmo assim ele adorou, chegou no chão parecendo um adolescente, completamente eufórico com a experiência...

Em julho de 2005, indo para o Congresso Internacional de Espeleologia na Grécia, paramos alguns dias na França. Eu estava com o Augusto Auler

e decidimos visitá-lo. Foi um final de semana inesquecível. Depois de muita conversa, Michel começou a nos mostrar inúmeros desenhos, e publicações antigas, revistas, relatos de uma vida inteira dedicada à Espeleologia. Na hora tivemos a ideia: “Vamos fazer um livro sobre o Michel”? Não contamos nada para ele. Simplesmente aproveitamos a oportunidade para fotografar e registrar tudo o que pudemos. Eram muitas informações e muitos desenhos lindos e inéditos. Depois, fomos pesquisar outras fontes, entrevistamos outros atores dessa incrível história de vida e escrevemos o livro “Michel Le Bret, Francês e Brasileiro Espeleólogo e Desenhista”, que lançamos no final de 2006, quando Michel estava completando 80 anos.

Depois da expedição, fomos para São Paulo, onde organizamos uma palestra dele na USP. Sala lotada! Todos queriam ouvir suas histórias. Depois, levei-o para o Petar, para visitar seus velhos companheiros, JJ e Vandir. Muitas lembranças, boas risadas, todos muito emocionados de reviver na memória tantas aventuras que passaram juntos.

Ele ficou muito emocionado ao receber o livro. Fez questão de presentear todos os seus velhos amigos do Clan de Verna, seu primeiro grupo de espeleologia. Ficou muito feliz e honrado, e nós mais ainda por termos conseguido organizar essas memórias tão importantes para ele e para nós todos, espeleólogos brasileiros.

Depois disso, encontrei com o Michel diversas vezes. Na sua propriedade, ele criava grandes vacas marrons, com grandes chifres curvos, que ele chamava pelo nome. Elas vinham para comer na sua mão um punhado de ração. Além das vacas, moravam nos seus campos grandes veados com galhadas enormes, que ele protegia, pois não autorizava a caça nas suas terras. Íamos observá-los, com seu carrinho velho. Parávamos no mato e ficávamos esperando os veados aparecerem... Ele adorava! Fez muitas aquarelas das suas vacas e dos veados. Ele sempre perguntava sobre as expedições e as descobertas no Brasil, seu espírito continuava sendo do explorador de sempre. Ele vibrou muito com a fase atual de reencontro da espeleologia brasileira.



JJ com Michel Le Bret. Foto: Leda Zogbi, 2004.



Ivan, Le Bret e Jura. Foto: Leda Zogbi, 2004.



Ele comia muito pouco, estava bem magrinho, mas sempre disposto. Em uma ocasião, uma vaca lhe deu um empurrão, ele caiu e desmaiou. Foi um susto para a Colette. Com o passar do tempo, acabaram por vender as vacas. Seu neto veio cuidar da propriedade por um período, para tentar alugar o castelo para eventos, mas acabou desistindo e foi embora. Em outra ocasião, ele foi sozinho até a beira do rio Loire, se desequilibrou e acabou caindo em um barranco enorme. Com a sua bengala, e seus mais de 90 anos, conseguiu sair sozinho. Outro susto para a Colette.

Estive com eles pela última vez em novembro de 2019. Ele me reconheceu, falou até português comigo, mas logo sua mente vagava para longe... A pedido dos amigos da Seção de História da Espeleologia (SHE) da SBE, tentei gravar um depoimento, mas não deu certo: ele começava a responder e se esquecia... Parecia que a chama do seu carbureto estava no final. Na última semana ele piorou e seus filhos vieram se despedir. Ele falou das suas lembranças, falou muito das cavernas brasileiras. Sua chama se apagou quando ele estava dormindo, na madrugada do último domingo. Liguei para a Colette hoje (30/09) cedo, e ela me disse “Leda,

você ligou na hora certa: estou no carro da funerária com o Michel. Você ligou para se despedir dele! Saímos da igreja agora, estamos indo para o cemitério. Foi meu filho quem disse a missa, foi muito emocionante. Ele partiu em paz. Ele gostava muito de você e de todos os amigos da espeleologia brasileira. Transmita meu abraço a todos”.

Michel Le Bret viveu intensamente, por um longo período e deixou suas marcas por onde passou. Foi um grande explorador, um artista, um inventor, bom marido, pai de cinco filhos, avô de onze netos e bisavô de 4 bisnetos... E um grande amigo. Com certeza ele se transformou numa estrela e foi somar sua luz à de muitos outros grandes nomes da nossa espeleologia que já se foram, como seus amigos Pierre Martin, Guy Collet, JJ e Vandir, entre outros. Todos devem estar fazendo uma grande comemoração juntos!

Obrigada, Michel, por tudo! Descanse em paz e que seu exemplo continue a inspirar as novas gerações de espeleólogos. Sua missão por aqui foi cumprida com louvor! Você continuará sempre vivo nas nossas lembranças e nos nossos corações.

Michel Le Bret na Lapa Vermelha. Foto: Leda Zogbi, 2004.



Homenagem a Michel Le Bret

Por Clayton Ferreira Lino
Centro Excursionista Universitário (CEU)
Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Todas vidas importam, merecem respeito e fazem falta quando se perdem. Mas a vida inspiradora de algumas pessoas quando se findam deixam vazios ainda maiores. São pessoas que nos servem de referência e exemplo. O amigo e espeleólogo Michel Le Bret é uma delas. Ele nos deixou neste domingo, dia 27 de maio de 2020, de forma tranquila, em sua casa em Lyon, França. E deixou saudades lá e aqui. Michel iniciou-se na espeleologia em 1951 na França e já em 1954 recebeu o Prêmio Martel (Considerado o Pai da Espeleologia) pelos trabalhos que desenvolveu com seu grupo nas cavernas francesas. Formou-se em engenharia e, em 1959, veio ao Brasil para trabalhar na empresa Rhodia. Dois anos após, em 1961, já era membro do Clube Alpino Paulista (CAP) e criou o Departamento de Espeleologia do Clube. No mesmo ano, junto com outros pioneiros como o também francês Pierre Martin e o lugoslavo Peter Slavec foram para o Vale do Ribeira para redescobrir as Grutas de Iporanga, descritas por Ricardo Krone no final do Século 19. Alí começava um movimento que deu início à Espeleologia Moderna no Brasil. Foram muitas descobertas e explorações de dezenas de grutas e abismos como a Caverna Santana, Ouro Grosso, Água Suja, Alambari de Baixo, Areias 1 e 2 e a primeira travessia da Caverna Casa de Pedra. Sob o Pórtico colossal dessa caverna (215 metros de altura, o maior do Mundo), Michel coordenou o Primeiro Congresso Brasileiro de Espeleologia reunindo espeleólogos de vários grupos, dentre eles, os Aranhas e os membros do CAP, sr. Pedro Comério (topógrafo do Instituto Geológico e assistente do Dr. Epitácio Guimarães, ambos pioneiros na criação do PETAR), além de moradores locais como o Zé das Grutas. Grande parte dessas aventuras estão relatadas de forma magistral e divertida em seu livro "O maravilhoso Brasil Subterrâneo", lançado na França em 1975 (e no Brasil, traduzido para o português em 1995). Neste livro Michel mostra mais uma de suas grandes habilidades: belos desenhos com um traço único e com capacidade de síntese que só grandes mestres possuem.

Em 1969, em Ouro Preto, tendo como Anfitriã a mais antiga entidade espeleológica das Américas, a Sociedade Excursionista Espeleológica (SEE), fundada em 1937, foi criada a Sociedade Brasileira de Espeleologia, e Le Bret, seu sócio nº 001 foi eleito seu primeiro presidente. Infelizmente, poucos meses depois, por problemas de saúde teve que voltar para a França e passou o comando da SBE para seu Vice Pierre Martin. Mas mesmo de longe sua paixão pelo Brasil, e por nossas cavernas nunca esmoreceu. Ao morrer estava, a pedido, com a antiga blusa do seu querido clube e contando histórias espeleológicas para sua família. Entrei na Espeleologia em 1972, via Centro Excursionista Universitário (CEU) da USP, quando Michel já vivia em Lyon e só vim a conhecê-lo

pessoalmente, em sua casa em 1976 quando fiz minha primeira viagem para a França. Foi um encontro inesquecível e muito divertido. Levei para ele um pedaço de embalagem de chocolate que encontrei na Gruta Ouro Grosso, quando em conjunto com o amigo Peninha (Geraldo Nunes Gusso) e outros companheiros celestes conseguimos vencer as cachoeiras subterrâneas e fazer pela primeira vez a junção das duas partes conhecidas da Gruta Ouro Grosso, um desafio que Michel e outros companheiros tinham tentado vários anos antes. Lá encontrei ainda intactas suas pegadas na argila e o papel do chocolate que por três anos guardei como um amuleto pensando em entregar-lhe um dia. Michel era uma pessoa carismática, simples e com sua fala macia transmitia a tranquilidade que é comum aos sábios. E lembro que me encantou o brilho nos seus olhos atentos a cada notícia que eu trazia sobre as cavernas e amigos do Brasil e também a cada história que ele me contava dos seus primórdios espeleológicos no Vale do Bethary.

Voltei a encontrá-lo várias vezes ao longo dos anos, especialmente em congressos internacionais e brasileiros de espeleologia e tive o prazer de "cavernar" com ele na Suíça, nas lindas cavernas de Goiás (Gruta São Mateus, a "Matilde" para os íntimos), na região ao norte de Belo Horizonte e no "nosso" PETAR. Assim como eu muitos dos colegas espeleólogos brasileiros tiveram esse privilégio e guardam uma especial reverência ao Michel. Por essa razão, mesmo não podendo estar conosco no Congresso Brasileiro de Espeleologia que marcou os 50 anos da SBE, todos os ex-presidentes vivos fizemos uma homenagem especial da SBE a ele. Zé Ayrton e Nivaldo iriam entregar-lhe pessoalmente o troféu e a edição brasileira de seu livro com a dedicatória de todos esses anos, o que não foi possível dada a pandemia do Coronavírus. Mas sua família receberá em breve essa homenagem de toda a comunidade espeleológica brasileira.

Descanse em paz grande Michel Le Bret e o obrigado de todos nós.



Michel Le Bret e a turma do Centro Excursionista Universitário (CEU) no Rancho da SBE, Bairro da Serra, Iporanga, PETAR, 1979. Temos Clayton Lino, Eleonora Trajano, Marieta Salles, Roseli Rodrigues, Nelson da Silva César Jr. (Nelsinho) e Alice Okawara. Ao fundo Bruno Le Bret e agachada Brigitte Choppy, respectivamente o filho e a amiga do Michel.



Michel Le Bret na proto-história da SBE

Por José Aryton Labegalini

Ex-Presidente da SBE, Ex-Presidente da União Internacional de Espeleologia (UIS), Espéleo Grupo Monte Sião (EGMS)

Introdução

Os relatos aqui registrados têm muito mais a ver com a história da espeleologia brasileira antes da fundação da SBE que conhecemos, do que com o Michel Le Bret em si. Porém, como ele também teve papel preponderante nessas passagens, considero ser oportuno dar ciência a fatos e informações que demonstram seu grande empenho em favor da espeleologia institucional brasileira. Um resumo desses relatos foi apresentado durante o 35º CBE, em julho de 2019, em Bonito (MS). Vamos a eles:

No final de 1956 chega ao Rio de Janeiro o decorador suíço Jean Louis Christinat, com 23 anos de idade, para trabalhar em uma grande casa de confecção daquela cidade. Jean Louis também é espeleólogo; por ser membro da Sociedade Suíça de Espeleologia veio como delegado da entidade para a América do Sul e com a missão de contatar espeleólogos brasileiros, para um estreitamento de relações com a espeleologia suíça. Antes do final do ano de 1960 Christinat embarca de volta à sua cidade na Suíça–Genebra, depois de quase quatro anos passados em terras brasileiras.

Em 1959 chega ao Brasil o engenheiro francês, e também espeleólogo, Michel Le Bret, que de imediato troca algumas correspondências com Christinat, antes da volta deste para a Europa. Em 1967 reinicia-se uma correspondência entre Michel Le Bret e Jean Louis Christinat, então morando no Peru, com o objetivo de se resgatar a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), fundada no Rio de Janeiro. Essa troca de correspondências dura pouco mais de um ano, vai até outubro de 1969, última correspondência de Christinat para Le Bret.

Ambos os espeleólogos europeus tiveram atuação relevante na fundação da SBE. O suíço Christinat propiciou a fundação da “primeira” SBE no Rio de Janeiro, em 1958, que infelizmente não prosperou. O francês Le Bret propiciou a fundação da SBE em Ouro Preto, em 1969, que neste ano comemora os seus 51 anos de existência.

O legado de Christinat

Christinat, depois de quase uma década em terras sul-americanas, ao voltar definitivamente à Suíça, reorganiza seus arquivos da prática da espeleologia no Peru, na Venezuela e no Brasil.

Os arquivos referentes ao Brasil constam de três fichários nominados respectivamente de:

Espeleo-Brasil 1: 1950-1960

Espeleo-Brasil 2: 1957-1958 e Gruta do Maquiné

Espeleo-Brasil 3: 1956-1960

A organização desses arquivos se deu em meados da década de 1980, é minuciosa e detalhista. A primeira pasta é subdividida em quinze seções e reúne centenas de documentos que vão desde a sua Carta de Apresentação emitida pela Sociedade Suíça de Espeleologia, Resoluções N° 28 e 29 do Centro Excursionista Pico do Itatiaia, dezenas de notícias de jornais e revistas (algumas originais e outras em cópias) e dezenas de fotografias legendadas, tudo organizado em ordem cronológica em cada seção.

Na segunda pasta estão os dois relatórios de duas expedições organizadas para a Gruta do Maquiné, em Cordisburgo, Minas Gerais.

A terceira pasta, dividida em seis seções, é dedicada a documentos diversos após 1960, sendo o mais tardio dos documentos o sumário do Espeleo-Tema número 14, de 1984. A segunda seção dessa pasta consta de quinze cartas originais trocadas entre Christinat e Le Bret, entre 12 de junho de 1967 e 16 de outubro de 1969. Nessa correspondência fica patente o esforço de Le Bret na tentativa frustrada de fazer reviver a SBE fundada em 1958.

Essas três pastas referentes à suas atividades espeleológicas no Brasil, juntamente com duas pastas congêneres das atividades no Peru, uma com as atividades na Venezuela e um álbum de recortes de notícias do período de 1951 a 1958, totalizando sete volumes, foram acomodados em uma caixa e esta depositada na Biblioteca da Sociedade Suíça de Espeleologia (SSS), na cidade de La Chaux-des-Fonds, após sua morte. Essa mesma biblioteca também abriga o acervo bibliográfico da União Internacional de Espeleologia (UIS), que é gerenciada por Philipp Häuselmann. Com extremo senso de ética e de amizade, assim que essa caixa de documentos foi identificada, o Philipp fez contato comigo e propôs em devolver ao Brasil por considerar que isso faz parte da história da nossa espeleologia.



Acampamento do Primeiro Congresso Brasileiro de Espeleologia, realizado em 1964, Iporanga (SP). Entre outros, aparecem Pedro Comércio e Michel Le Bret. Autor anônimo.



A espeleologia brasileira na ótica de Christinat

Christinat quando chegou ao Brasil, em 1956, vinha munido de uma carta de apresentação emitida pela Sociedade Suíça de Espeleologia (SSS), com a missão de contatar a incipiente espeleologia brasileira.

Durante sua estadia no Brasil, nada indica nos seus arquivos ter conhecimento da já existente Sociedade Excursionista e Espeleológica (SEE), fundada em Ouro Preto, Minas Gerais, em 12 de outubro de 1937, portanto há quase três décadas.

Dos seus registros e na sua ótica temos os seguintes fatos relatados para a composição da história da espeleologia brasileira entre 1954 e 1960:

- 1954 – Membros do Centro Excursionista Pico do Itatiaia (CEPI) organizam uma expedição para a Gruta de Ubajara, no Ceará. Em julho do mesmo ano tentam exploração nas cavernas de Ibitipoca, no Estado de Minas Gerais. Devido à falta de preparo na área da espeleologia e grandes dificuldades técnicas da exploração subterrânea, o Centro suspendeu as atividades nessa área por falta de alguém tecnicamente capacitado para orientar, instruir e dirigir as equipes do seu quadro técnico;



Michel Le Bret e Pierre Martin, respectivamente primeiro e segundo presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), durante a topografia em uma caverna do vale do Ribeira (SP). Autor anônimo.

- 1956 – Chega ao Rio de Janeiro, em 20 de dezembro, o decorador suíço Jean Louis Christinat, com 23 anos de idade, para trabalhar em uma grande casa de confecção daquela cidade. Jean Louis também é espeleólogo; por ser membro da Sociedade Suíça de Espeleologia veio como delegado da entidade para a América do Sul e com a missão de contatar espeleólogos brasileiros, para um estreitamento de relações com a espeleologia suíça. Tão logo se instala no Rio de Janeiro é procurado pelo Presidente do CEPI, Agenor Gaston de Roure Mariz, com propostas da fundação de um grupo de espeleologia dentro do Clube;
- 1957 – A Resolução Nº 28 do CEPI, assinada pelo seu Presidente no dia primeiro de fevereiro, cria a Divisão de Espeleologia dentro do CEPI. Na mesma data a Resolução Nº 29 do CEPI nomeia Jean Louis Christinat como Diretor da Divisão de Espeleologia, com o compromisso da organização de um curso teórico e prático de espeleologia; a aula inaugural foi ministrada no dia quatro do mesmo mês. Grande inconveniente: para a parte prática do curso não havia grandes cavernas no Rio de Janeiro ou nas suas proximidades;
- 1959 – Em março Jean Louis Christinat deixa o Rio de Janeiro para uma série de reportagens na região central do Brasil, onde permanece por quase um ano, entre abril de 1959 e janeiro de 1960;
- 1960 – Em janeiro Jean Louis Christinat volta do Mato Grosso, se instala no Rio de Janeiro como redator do Jornal Francês, mas acha tempo para ministrar palestras, reencontrar amigos da SBE. Em fevereiro ou março(?), recebe uma carta assinada por Michel Le Bret, espeleólogo francês recém chegado em São Paulo, que solicita informações sobre a espeleologia brasileira. Esta foi a quarta carta de Le Bret ao Christinat, pois as três primeiras certamente se extraviaram pelas florestas do Mato Grosso. Christinat responde ao Le Bret com instruções de contatar a SBE. Em abril Christinat recebe uma segunda (e quinta enviada) carta de Le Bret convidando-o a participar da exploração de uma caverna nas proximidades de Apiaí (SP), cuja exploração estava parada em um sifão, depois de dois quilômetros de exploração do rio subterrâneo da caverna. Antes do final do ano Christinat embarca de volta à sua cidade na Suíça–Genebra, depois de quase quatro anos passados em terras brasileiras.

A SBE que comemorou 50 anos em 2019

Em 1959 chega ao Brasil o engenheiro francês Michel Le Bret, espeleólogo membro da Federação Francesa de Espeleologia (FFS) que imediatamente se incorpora ao já existente Clube Alpino Paulista (CAP) e incentiva a criação do seu Departamento de Espeleologia.

1964 – Por iniciativa de Michel Le Bret e seu compatriota Pierre Martin, realiza-se o Primeiro Congresso Nacional de Espeleologia (I CNE), na Gruta Casa de Pedra, em Iporanga, São Paulo.

1966 – Agora com a denominação de Congresso



Brasileiro de Espeleologia (CBE) realiza-se na Escola de Minas de Ouro Preto, o II CBE, em estreita colaboração da Sociedade Excursionista Espeleológica (SEE).

1967 – Em 12 de junho inicia-se uma série de correspondências entre Michel Le Bret e Jean Louis Christinat, então morando no Peru. A primeira correspondência parte de Christinat, com interesses de saber sobre o estado da arte da espeleologia brasileira, enquanto que o objetivo do Le Bret é de se resgatar a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), fundada no Rio de Janeiro. Essa troca de correspondências dura pouco mais de um ano, vai até 10 de outubro de 1969, última carta de Christinat para Le Bret.

1967 – Em 5 de julho Le Bret responde a Christinat com um longo relatório da espeleologia no Brasil, iniciando com a exploração de salitre no século XVIII, passando por Lund, Krone, SEE, indo até a iluminação da Gruta do Maquiné em 1966. Comunica suas infrutíferas tentativas em contatar a SBE no Rio de Janeiro, seus convites à participação em expedições, sempre sem respostas. Essa carta se inicia com os seguintes dizeres: Quando se trata de espéleo, eu não perco um minuto para responder.

1969 – Em 05 de outubro Michel Le Bret escreve sua última carta daquele período ao Jean Louis Christinat, que termina com a seguinte declaração: No nosso próximo congresso, em primeiro de novembro, eu serei obrigado a fundar uma nova sociedade, porque se faz muito necessário. É uma pena não poder continuar a sua.

1969 – Fundação da SBE durante o IV CBE, em Ouro Preto, Minas Gerais, no dia primeiro de novembro, quando foram aprovados os Estatutos e eleita a primeira diretoria da SBE, então composta por:

-Diretor Presidente: Michel Le Bret;

-Diretor Primeiro Secretário: Jairo Augusto de Vasconcelos Reis;

- Diretor Segundo Secretário: Pierre A. Martin;
- Diretor Tesoureiro: Guy Christian Collet;
- Diretor do Patrimônio: Luiz Carlos de Alcântara Marinho.

Conclusões

A SBE, que em 2019 comemorou o seu 50º aniversário, poderia estar comemorando seu 61º ano de existência, se os Estatutos da sociedade congênere não houvessem se perdido, ou se Le Bret tivesse tido sucesso nas suas tentativas de localizá-lo. Por outro lado, todas as informações aqui apresentadas, que representam apenas uma parcela daquelas contidas nos documentos encontrados nos arquivos da Sociedade Suíça de Espeleologia (SSS), tinham existência até então desconhecida da atual comunidade espeleológica brasileira.

A conjunção da casualidade (encontro da caixa de documentos nos arquivos da SSS), com o capricho e esmero de um espeleólogo suíço (Jean Louis Christinat) e a ética aliada à amizade de outro espeleólogo também suíço (Philipp Häuselmann) foi possível trazer à luz do conhecimento mais essa faceta da história da espeleologia brasileira referente ao período anterior a 1969, bem como da atuação do Michel Le Bret até então desconhecida da comunidade espeleológica brasileira.

Muito se sabe sobre o homem Michel Le Bret enquanto profissional e espeleólogo, mas com os documentos analisados que permitiram escrever este artigo, soma-se aos dotes do Le Bret seus conceitos éticos e morais na prática da espeleologia, que poderiam e deveriam ser adotados pela comunidades espeleológica brasileira e internacional, no aspecto da unidade nacional e o desenvolvimento sem esconder ou alterar o passado.

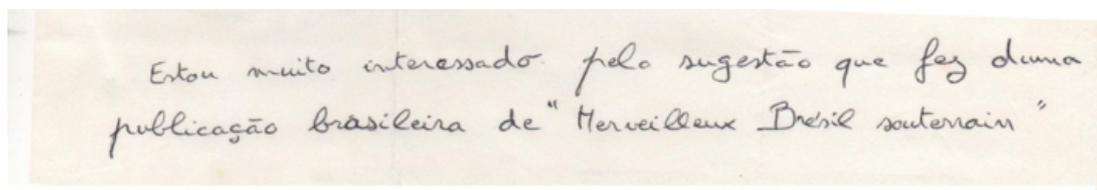
Michel Le Bret: amizade, respeito e gratidão

Por José Aryton Labegalini

Ex-Presidente da SBE, Ex-Presidente da União Internacional de Espeleologia (UIS), Espéleo Grupo Monte Sião (EGMS)

O meu primeiro contato com o Michel Le Bret foi na leitura do seu livro MERVILLEUX BRÉSIL SOUTERRAIN, publicado em Paris em 1975. Só fui comprar esse livro em 1986, na Livrairies des Speleos–J. GANDINI, em Paris, mas logo me delicieei com a sua leitura, sendo possível identificar formações e condutos

das cavernas do Betari. Uma passagem marcante no livro está na página 36 com o seguinte conselho: “Senhoritas que me leem jamais se casem com um espeleólogo, essa é a pior raça de maridos, que é infiel e retorna sempre aos seus primeiros amores.” Em um curso de espeleologia ministrado a alunos da Escola



Estou muito interessado pela sugestão que fez de uma publicação brasileira de "Merveilleux Brésil Souterrain"

Michel Le Bret para J. A. Labegalini em 29 de abril de 1988



Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI), hoje Universidade Federal de Engenharia de Itajubá, o livro do Michel foi informalmente traduzido, para o deleite dos alunos.

O primeiro contato formal com Michel foi antes do advento do e-mail, por carta de 26 de março de 1988, convidando-o para o 1º Congresso de Espeleologia da América Latina e do Caribe (I CEALC) e lhe comunicando a tradução informal do seu livro e que considerasse a viabilidade de uma edição brasileira. Sua resposta e posição chegaram logo depois, em carta de 29 de abril.

Em 1988 ele veio ao Brasil para participar do I CEALC e da expedição organizada com o Clube Alpino Paulista (CA) para a Gruta de São Vicente, em Goiás. Nos conhecemos em Belo Horizonte durante o congresso.

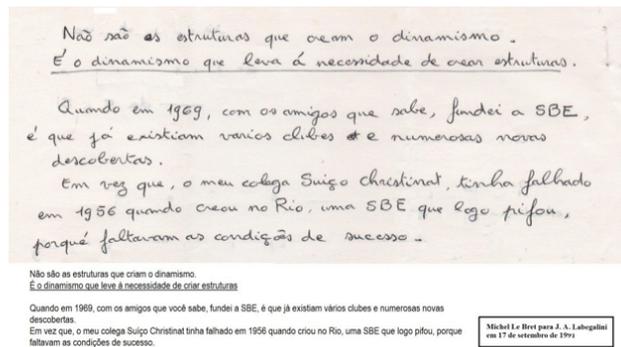
Em setembro de 1991, logo depois do 21º Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE) em Curitiba, ao tomar conhecimento da situação da SBE e da missão da Comissão de Reestruturação, através do Peter Slavec, ele me enviou uma longa carta, talvez a mais longa de todas que vim a receber dele, com uma série de conselhos, ideias e incentivos; nos detalhes da carta nota-se que a SBE continuava a fazer parte importante da sua vida.

Na presidência interina da SBE, durante os trabalhos da Comissão de Reestruturação, mantive o Michel informado da recuperação da Sociedade e lhe comuniquei a decisão da edição brasileira do seu livro. Ele sempre foi muito receptivo à ideia, sempre respondeu e colaborou de imediato quando solicitado, chegou a sugerir a alteração do título para “Alvorada da Espeleologia Brasileira”, liberou os direitos autorais em prol da SBE. Eu lhe pedi para escrever um capítulo complementar para a edição brasileira, que ele me enviou quase que de imediato (páginas 195 a 199) com a devolução de outro pedido – para que eu escrevesse o prefácio da nova edição e assim foi feito. Deixando a modéstia de lado, penso que honraria maior não possa existir para um espeleólogo brasileiro, ao menos é o sentimento que tenho e guardo.

Ainda em 1993 eu o convidei para vir conhecer o Vale do Peruaçu. Também nesse ano ele me escreveu fazendo a apresentação o Jean Loup Guyot, que vim a conhecer no congresso de Montes Claros, com uma proposta de expedição franco-brasileira na região de



Acampamento na primeira dolina do Janelão. Temos da esquerda para a direita: Paul Courbon, José Ayrton Labegalini, Michel Le Bret, Nicole Boullier e Claude Chabert. Chabert está preparando uma caipirinha. Municípios Januária/Itacarambi (MG). Foto: Juliana V. Bastos 1994.



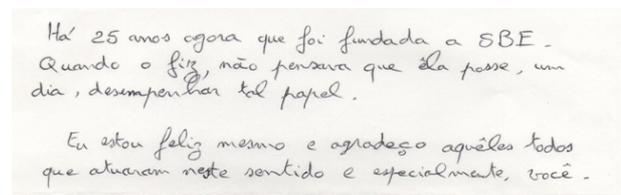
Não são as estruturas que criam o dinamismo. É o dinamismo que leva à necessidade de criar estruturas.

Quando em 1969, com os amigos que você sabe, fundei a SBE, é que já existiam vários clubes e numerosas novas descobertas. Em vez que, o meu colega Suizo Christianin tinha falhado em 1956 quando criou no Rio, uma SBE que logo pifou, porque faltavam as condições de sucesso.

Michel Le Bret para J. A. Labegalini em 17 de setembro de 1992

Goiás. Na expectativa de confusões da atuação de espeleólogos estrangeiros (então franceses) no Brasil, trocamos correspondências em que ele falava com o GSBM na França e eu aqui no Brasil com o Grupo Bambuí; detalhes foram acertados e se desenrolaram as expedições de 1994 e 1995 no carste de São Domingos, que resultou na publicação GOIÁS 94 & 95, que leva prefácios escritos por nós dois. Logo depois da Expedição de 1994 lá fomos nós, em seis espeleólogos, para o Peruaçu: Michel Le Bret, Juliana Vilela, Claude Chabert e sua esposa Nicole Boullier, Paul Courbon e eu.

Nessa vinda ao Brasil ele ficou por aqui mais de três semanas, checou o andamento da espeleologia brasileira, a vitalidade da SBE, acertamos detalhes da publicação do seu livro, ficou satisfeito e voltou feliz para a França, como se expressa em carta de 18 de agosto de 1994.



Há 25 anos que foi fundada a SBE. Quando o fiz, não pensava que ela fosse, um dia, desempenhar tal papel. Eu estou feliz mesmo e agradeço aqueles todos que atuaram neste sentido e especialmente você.

Michel Le Bret para J. A. Labegalini em 18 de agosto de 1994

No dia 27 de julho de 1995 estavam em Monte Sião, dentre muitos outros espeleólogos e amigos, Michel e Collete Le Bret, sua esposa, para o lançamento do Maravilhoso Brasil Subterrâneo, a edição brasileira do seu livro, como sendo uma das atividades do XXIII CBE.



Michel Le Bret e sua esposa Collete juntos com Washington Simões (no centro), durante as atividades do XXIII CBE, em julho de 1995, em Monte Sião, por ocasião do lançamento da versão brasileira do seu livro "Maravilhoso Brasil Subterrâneo, a edição brasileira do seu livro". Foto: José Cláudio Faraco.



Em 23 de maio de 1996 ele me escreveu muito preocupado com a possível repercussão negativa da SBE no exterior, devido ao caso que envolveu espeleólogo francês Gabriel Hez e suas atividades no Brasil. Imediatamente lhe respondi em uma extensa e detalhada carta com descrição minuciosa de todo o acontecido. Em junho de 1997, às vésperas do 12º Congresso Internacional de Espeleologia (CIS), na Suíça, ele me escreveu pedindo a interferência para a solução do caso do Gabriel Hez, que gostaria de voltar ao Brasil e continuar seus estudos. No dia 10 de agosto de 1997, estávamos nós lá, em uma das salas da sede do 12º CIS, em La Chaux-des-Fonds, espeleólogos brasileiros e franceses, discutindo a relação da espeleologia franco-brasileira em terras do Brasil, isso pela iniciativa do fundador da SBE e devido à sua preocupação para com a imagem do Brasil e da “sua SBE” no cenário internacional. Nesse mesmo congresso a UIS aprovou o seu Código de Ética, que retrata perfeitamente o motivo da nossa reunião; no encerramento desse mesmo congresso o Brasil foi escolhido para organizar do 13º CIE, infelizmente não com o apoio integral da comunidade espeleológica brasileira, mas com o total apoio e incentivo do Michel Le Bret.

Afinal, de acordo com o Claude Chabert e Joël Rodet resolvemos marcar o nosso encontro na tarde do 1º dia do Congresso, domingo 10 de Agosto às 19h, na sede do congresso.

Afinal, de acordo com o Claude Chabert e Joël Rodet, resolvemos marcar no nosso encontro na tarde do 1º dia do Congresso, domingo 10 de agosto, às 19h, na sede do congresso.

Michel Le Bret para J. A. Labegallini em 16 de junho de 1997

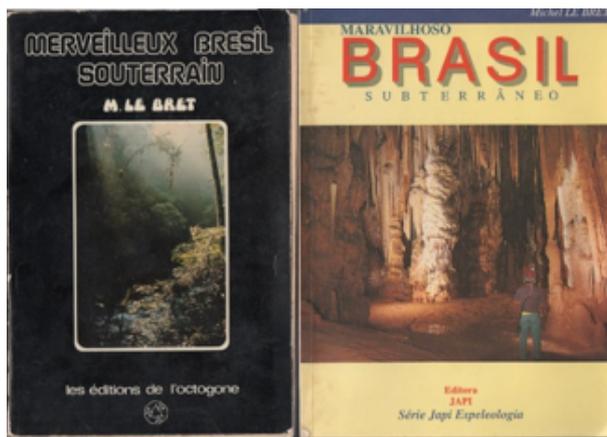
Se bem que vou estar em La Chaux-de-Fonds para o início do Congresso nos dias 10 e 11 de Agosto, junto com o Gabriel Hez que mora bem perto no Jura Francês.

Se bem que vou estar em La Chaux-des-Fonds para o início do Congresso nos dias 10 e 11 de Agosto, junto com o Gabriel Hez que mora bem perto do Jura Francês.

Michel Le Bret para J. A. Labegallini em 16 de junho de 1997

Em 2004, quando ele veio ao Brasil a convite da Redespelo Brasil para participar do Carste 2004, não o encontrei em Belo Horizonte, pois mesmo sendo um dos sucessores do Michel na direção da SBE e o então presidente da União Internacional de Espeleologia (UIS) não fiquei sabendo da sua vinda ao evento. Como não teria muito sentido aparecer de bicão no evento e causar algum constrangimento, fui me encontrar com ele em São Paulo, na palestra proferida na USP. Nessa ocasião, em alguns minutos de privacidade no meio do murmúrio da sala, ele me confidenciou de que gostava muito da Leda e do Augusto, mas se sentia incomodado com a situação geral do relacionamento da Redespelo Brasil para com a SBE.

Em 2007, logo após ter lido o livro que pretendia contar a sua história “MICHEL LE BRET – Francês e Brasileiro, Espeleólogo e Desenhista”, deu uma saudade danada do Michel, revi as nossas correspondências do tempo da tradução do “Maravilhoso Brasil Subterrâneo” e tive vontade de lhe escrever; foi uma longa carta com detalhes da espeleologia brasileira, com desabafos, confidências e fatos que hoje pertencem à história da SBE. Como



Livros do Michel Le Bret, ambos trazem prefácio de ex-presidentes da UIS, a edição francesa (1975) do francês Bernard Gèze (1965 – 1973) e a edição brasileira (1995) do brasileiro José Aryton Labegallini (2001 – 2005).

desabafo transcrevo os seguintes parágrafos, cuja concordância veio na forma de silêncio:

... Hoje fazem de tudo para macular o nome da SBE, apagar a sua história e tomar o seu lugar, tanto no cenário nacional quanto internacional. Como ex-presidente da UIS tenho notado isso fora do Brasil (muitos colegas de muitos países me pedem esclarecimento de mentiras divulgadas sobre a SBE); como ex-presidente da SBE me dói ver o que acontece na espeleologia brasileira, principalmente com o que se tenta fazer com a história da entidade (veja no livro que escreveram sobre você, enquanto que para mim a história do Michel Le Bret no Brasil coincide com a história da origem da SBE, no livro a SBE aparece citada apenas por você na página 69 e nunca pelos autores).

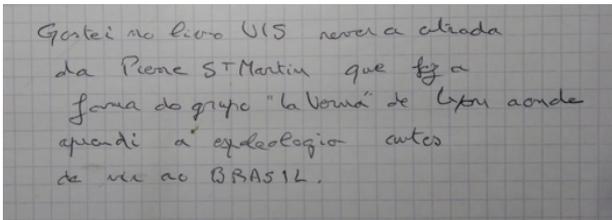
... Depois da tradução do “Maravilhoso Brasil Subterrâneo”, entre 1973 e 1975, adorei ler o livro da sua história. Sonhei acordado, lembrei lugares e amigos, admirei os seus desenhos, mas sei que você não é o autor do desenho da página 141, pois nesse peito bate um só coração, que alguém tentou dissimular.

Em 2015, publiquei o livro Fifty Years of the UIS 1965-2015, que procura sintetizar a história do primeiro meio século de existência da UIS, até então esparsa. Para chegar a esse desfecho, passei antes pela presidência da UIS, para isso teve peso a experiência na presidência da SBE, onde segui caminhos já abertos, mas iniciado em 1969 pelo Michel Le Bret. Não seria justo ou ético relegar esse fato ao esquecimento, sempre quis expressar a minha gratidão ao Michel, por ele ter aberto no Brasil o caminho que segui na espeleologia brasileira e depois na espeleologia internacional. Esse agradecimento o fiz na página 15 do livro então publicado:

“MICHEL LE BRET: Fundador da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) em 1969 e seu primeiro presidente, um cargo que eu também tive a honra de ocupar. Foi através dele que eu fui introduzido na espeleologia organizada na SBE (em 1985); essa experiência então me levou a me envolver com a UIS (em 1993).”



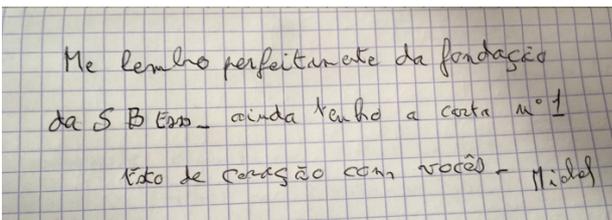
Em setembro do mesmo ano lhe enviei um exemplar do livro e logo em seguida, em novembro, recebo sua última carta manuscrita.



Gostei no livro da UIS rever a entrada da Pierre St. Martin que fez a fama do Grupo "La Verna" de Lyon aonde aprendi a espeleologia antes de vir ao Brasil.

Michel Le Bret para J. A. Labegallini em 25 de novembro de 2015

Em 2019, por ocasião do 35º CBE e a comemoração dos 50 anos da SBE, contatei o Michel, mas a correspondência foi tratada com sua filha Sylvie. A iniciativa era trazê-lo para o congresso e a solenidade do aniversário. Infelizmente seu estado de saúde já não lhe permitia viajar, mesmo assim me enviou um bilhete e uma foto da sua carteirinha de sócio Nº 0001 da SBE, que me disse estar sempre no seu bolso.



Me lembro perfeitamente da fundação da SBEsp - ainda tenho a carta nº 1 Fico de coração com vocês - Michel

Michel Le Bret para J. A. Labegallini em 12 de março de 2019

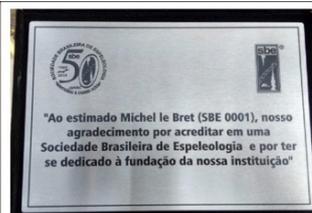
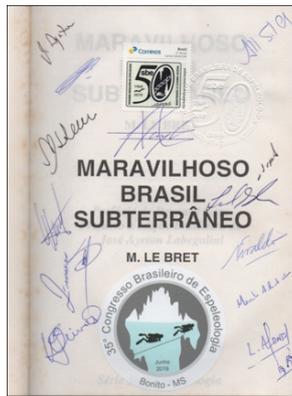
Dos franceses que ajudaram fazer a história da espeleologia brasileira, o primeiro deles a falecer deixou seu nome ao Grupo Pierre Martin de Espeleologia; o segundo é lembrado no nome da Biblioteca Guy Christian Collet da SBE; para o fundador da SBE pensamos em uma homenagem em vida, discutimos e fizemos a Galeria "Michel Le Bret" de Presidentes da SBE, que foi apresentada no 35º CBE em Bonito e instalada na sede da SBE em Campinas, no dia do aniversário de 50 anos, 1º de novembro de 2019. No Congresso de Bonito o Michel foi lembrado e condecorado com uma placa de aço inox com os dizeres **"Ao estimado Michel Le Bret (SBE 0001), nosso agradecimento por acreditar em uma Sociedade Brasileira de Espeleologia e por**

ter se dedicado à fundação da nossa instituição"; fui agraciado em representar o Michel e receber essa placa. Ainda no mesmo congresso, aproveitamo-nos da presença de quase todos os ex-presidentes da SBE, pegamos um exemplar do livro Maravilhoso Brasil Subterrâneo, e na página de rosto foi registrada a assinatura de cada um dos sucessores do Michel na direção da SBE. O Nivaldo e eu havíamos assumido o compromisso de lhe entregar em mãos, e de surpresa, os dois objetos, placa comemorativa e livro autografado, no início de 2020.

No dia 28 de setembro deste ano, no horário das 06h12, um e-mail da Sylvie Bussat me tornou ciente da morte do Michel Le Bret com a seguinte mensagem:

Caro Jose Ayrton, gostaríamos de compartilhar com você a notícia da morte de nosso pai neste domingo, 27 de setembro. Ele estava bem, cercado por sua esposa e filhos. Ele ainda nos contou sobre suas expedições de espeleologia antes de partir. Ele estava com o suéter com o logotipo do clube ao lado.

Infelizmente a pandemia do COVID-19 atrasou a nossa viagem ao encontro do Michel, que foi agraciado em vida, mas que provavelmente não tomou conhecimento do fato e se adiantou na sua viagem definitiva ao encontro do Criador do céu, da terra e de todas as suas cavernas.



Condecoração (placa) e presente (este livro com o autógrafo dos seus sucessores na SBE) que o Michel não chegou a tomar conhecimento de que havia recebido junto com uma sua relíquia que lhe era inseparável - a Carteirinha de Sócio Nº 1 da SBE, que sempre esteve com seus documentos e no seu bolso.

Foto feita em frente ao longo do XXIII CBE, em julho de 1995, em Monte Sião, durante o evento, de cinco congressistas que passaram pela presidência da SBE; da esquerda para a direita estão: José Antônio Basso Scaleante (1993/95 e 2001/03), José Ayrton (1991/92, 1992/93 e 1995/97), Michel Le Bret (1969/70), Guy Cristian Collet (1973/75 e 1981/83) e Clayton Ferreira Lino (1975/77, 1977/79 e 1979/80). Foto José Cláudio Faraco.



Em memória de Michel Le Bret

Seção de História da Espeleologia - SHE

“Todas vidas importam, merecem respeito e fazem falta quando se perdem. Mas a vida inspiradora de algumas pessoas quando se findam deixam vazios ainda maiores. São pessoas que nos servem de referência e exemplo. O amigo e espeleólogo Michel Le Bret é uma delas. Ele nos deixou neste domingo, dia 27 de setembro de 2020, de forma tranquila, em sua casa em Lyon, França. E deixou saudades lá e aqui.

Michel iniciou-se na espeleologia em 1951 na França e já em 1954 recebeu o Prêmio Martel (considerado o Pai da Espeleologia) pelos trabalhos que desenvolveu com seu grupo nas cavernas francesas [...]

No mesmo ano (1961), junto com outros pioneiros como o também francês Pierre Martin e o iugoslavo Peter Slavec foram para o Vale do Ribeira para redescobrir as Grutas de Iporanga [...] Ali começava um movimento que deu início à Espeleologia Moderna no Brasil [...]

Grande parte dessas aventuras estão relatadas de forma magistral e divertida em seu livro ‘O maravilhoso Brasil Subterrâneo’ [...]

Em 1969, em Ouro Preto, tendo como Anfitriã a Sociedade Excursionista Espeleológica (SEE), foi criada

a Sociedade Brasileira de Espeleologia, e Le Bret, seu sócio nº 001 foi eleito seu primeiro presidente.”

Trecho de texto escrito por Clayton Lino para esta ocasião. A íntegra será divulgada em breve.

O vídeo de hoje é a primeira de algumas homenagens produzidas pela Seção de História da Espeleologia no qual apresentamos um pouco da história da exploração da Caverna do Diabo (Eldorado, SP).

Salvator (associado fundador da SBE) e Sílvia Haim, falam da segunda travessia da caverna enquanto a primeira travessia é narrada pela voz da Profa. Eleonora Trajano que também lê um trecho do livro ‘Maravilhoso Brasil Subterrâneo’.

O vídeo do Michel foi gravado em 2019 pela Leda Zogbi, a quem temos gratidão pelo registro. Também é importante esclarecer que a data da primeira travessia da Caverna do Diabo falada por Le Bret (25/11/1964) difere do próprio registro (28/11/1964) em seu livro lançado em 1975.

Registramos aqui nossos sentimentos à família, amigos e amigas de Michel Le Bret. Sua memória ficará bem guardada entre nós.

Para assistir vídeo click na figura.



Resultado do 1º Edital de Fortalecimento de grupos de Espeleologia (Edital nº 01/2020)

Por Diretoria SBE

Caríssimas e Caríssimos Espeleólogos/
Espeleólogos,

É com satisfação que parabenizamos os grupos que tiveram as suas propostas aprovadas no Edital nº 01/2020 – Fortalecimento dos Grupos de Espeleologia do Brasil. A finalidade do Edital, como o próprio nome já diz, é promover o fortalecimento dos Grupos de Espeleologia filiados à SBE, através da promoção de atividades focadas na prospecção de áreas com potencial espeleológico, cadastro, exploração e mapeamento de cavidades naturais subterrâneas. Tal edital também tem como objetivo fomentar e movimentar a comunidade espeleológica, mostrando que a nossa Instituição pode e deve promover atividades que estimulem os grupos, que são os verdadeiros celeiros de formação e produção espeleológica, e que movem, junto com os sócios individuais, as nossas ações em prol de promoção da Espeleologia e proteção das nossas cavernas.

A concorrência foi acirrada, todos os projetos submetidos apresentaram altíssimo nível de qualidade. Mas infelizmente não foi possível contemplar a todos. Estamos envidando esforços para que este seja apenas o primeiro edital e que tal ação se torne rotineira na nossa Sociedade, possibilitando que mais grupos participem, mais setores estejam envolvidos e a nossa chama permaneça sempre acesa. E por isso mesmo, críticas e sugestões a esse que foi o nosso primeiro processo de seleção são mais do que bem vindos!

O próximo passo é a assinatura do Termo de Cooperação entre SBE e Grupos de Espeleologia que tiveram os seus projetos aprovados, para, assim que possível, iniciarmos as atividades, seguido todos os protocolos de segurança necessários.

Parabéns comunidade espeleológica, estamos iniciando a topografia de novos caminhos dentro desta nossa caverna chamada SBE.

Grupos selecionados e seus respectivos projetos:

1. Grupo Alto Parnaíba de Espeleologia (GAPE)

Projeto: Desvendando o Patrimônio Espeleológico do Extremo Sul do Grupo Vazante (Coromandel - MG).

2. Espeleonordeste

Projeto: Prospecção e Mapeamento Espeleológico de Cavidades na Formação Caboclo nos Municípios de Miguel Calmon e Jacobina (BA).

3. Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas (GBPE)

Projeto: Cavernas do Canion da Beleza, São Desidério (BA).

4. Grupo de Espeleologia da Geologia da UNB (GREGEO)

Projeto: Projeto Unalândia - Conhecer para Proteger.

5. Sociedade Carioca de Pesquisas Espeleológicas (SPEC)

Projeto: Prospecção, topografia, mapeamento, levantamento faunístico e avaliação arqueológica das cavidades naturais do Parque Estadual da Serra Negra da Mantiqueira, Santa Bárbara do Monte Verde – MG.

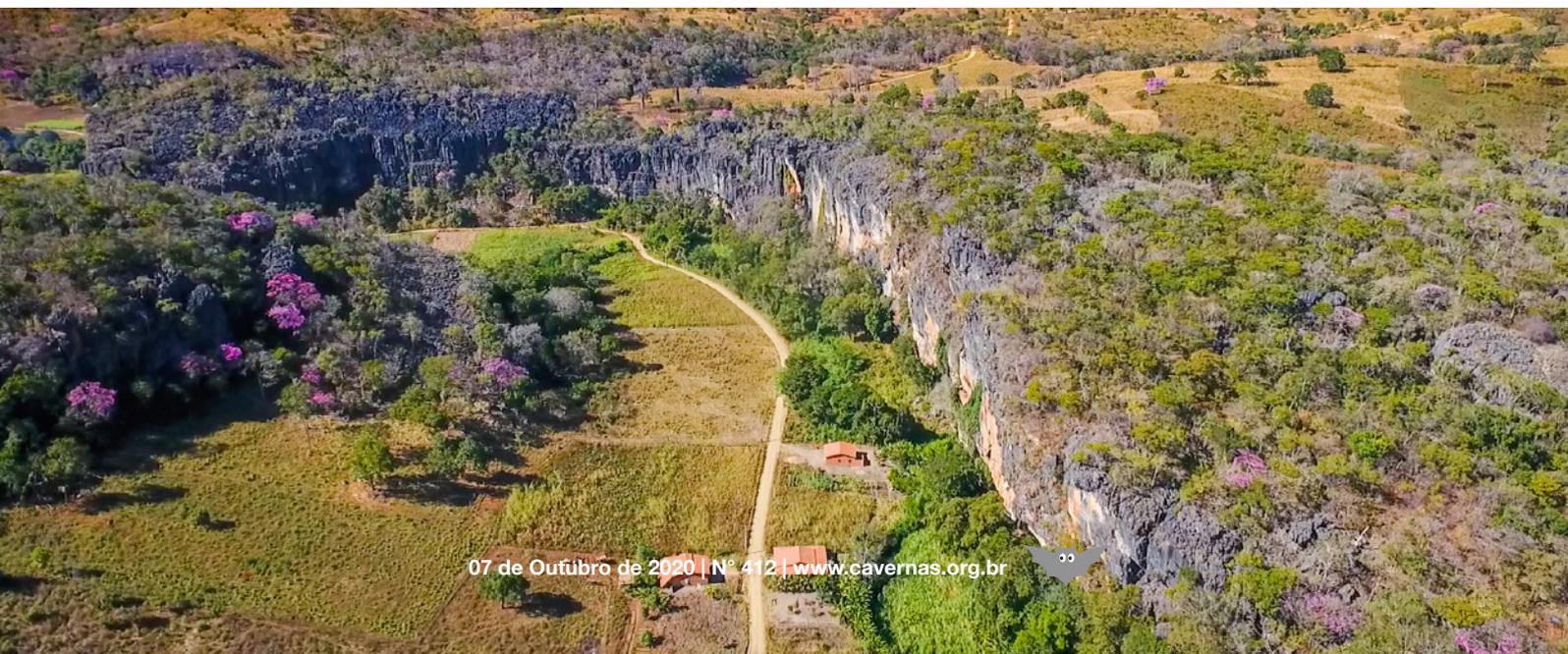
6. Grupo Araras de Espeleologia (GAE)

Projeto: Prospecção e Mapeamento Espeleológico Gruta do Incó e Gruta dos Inachus, Ituaçu (BA).

7. Espeleo Grupo de Brasília (EGB)

Projeto: Mapeamento Tridimensional de Cavernas com CAVEATRON na Espeleologia Brasileira.

Canion da Beleza, foto Alexandre Lobo,
Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas.



Reativação e andamento da Seção de História da Espeleologia

Por Tom Morita
Coordenador da SHE

Criada em 1994, por sugestão de Guy-Christian Collet (SBE-0004) e outros interessados, a Seção de História da Espeleologia (SHE) tem como objetivo fomentar a documentação e difusão da história da SBE e da Espeleologia brasileira. Na gestão atual da SBE (2019-2021), a seção foi reativada e tem desenvolvido diversos projetos a curto, médio e longo prazo.

Foram apresentadas, à diretoria, propostas de projetos que incluem a organização e revitalização do acervo documental de arquivos físicos e de vídeo do acervo da SBE; realização de entrevistas em vídeo, continuidade do Projeto História da Espeleologia Brasileira (PROHEB), do programa de incentivo e apoio ao resgate histórico dos grupos e resgate da história da Espeleologia pelas comunidades locais.

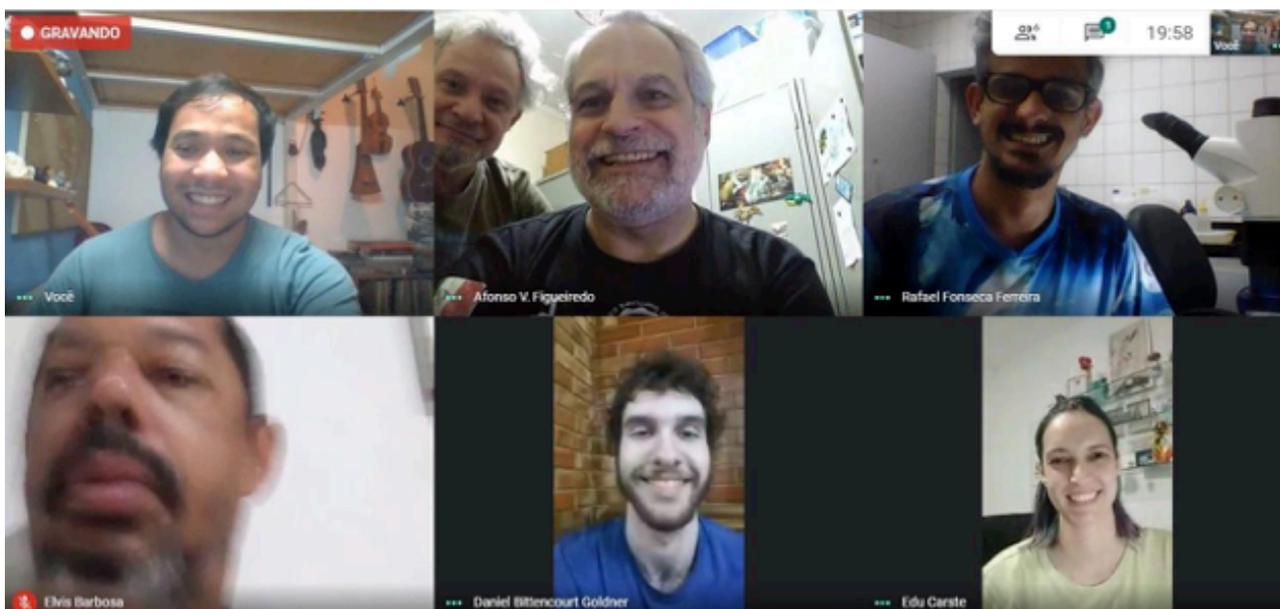
Desde então, um grupo diverso e coeso foi mobilizado junto à SHE para a consecução dos trabalhos, observando princípios fundamentais para a seção: pesquisa histórica, preservação da memória e difusão. Visando a pesquisa histórica e a preservação da memória, diversas entrevistas foram realizadas com personagens notórios da Espeleologia e ainda outras serão feitas. Para incentivar a atividade de resgate histórico de cada grupo individualmente, será montado um material de apoio, em apostilas e vídeos, com sugestões de formas de organização e produção de material histórico, a exemplo da redação de roteiros para entrevistas, ferramentas e técnicas para gravação em áudio e vídeo, entre outros tópicos.

Tendo em vista que o conhecimento adquirido deve ser compartilhado, a SHE está editando e divulgando nas redes sociais, semanalmente, breves passagens selecionadas entre as entrevistas realizadas, nesta série

denominada Memórias Vivas da Espeleologia Brasileira. Já o Projeto História da Espeleologia Brasileira, teve seu cronograma retomado e terá por produtos a publicação de três volumes versando sobre a organização da espeleologia no Brasil, a SBE e as experiências locais através dos espeleólogos e dos grupos de espeleologia. Retomando a seção de Memória da Espeleologia, originalmente publicada no boletim InformAtivo SBE está em amadurecimento o início de sua publicação mensal no SBE Notícias, valorizando e dando visibilidade a trechos de documentos e dados marcantes para espeleologia brasileira.

A equipe é composta por pessoas de diversas regiões e grupos de Espeleologia, buscando maior representatividade no intuito de ver a trajetória histórica da Espeleologia nacional por diferentes pontos de vista e com o maior alcance possível. Essa história é extensa e implica em um amplo trabalho de coleta e análise de dados. Nossa proposta é gerar, reunir e compartilhar conhecimento histórico e promover a sistematização e registro das atividades espeleológicas atuais e precursoras, para preservar a memória das atividades organizadas realizadas nas cavernas brasileiras.

Todo o trabalho é feito dentro da disponibilidade de tempo e das possibilidades do grupo composto unicamente por voluntários, alguns dos quais já desempenham outras funções na diretoria da SBE, conselhos, seções e comissões. Aproveitamos a oportunidade para agradecer à diretoria atual, que nos acompanha e apoia, e à comunidade, pela receptividade e contribuições.



Reunião online da SHE - SBE via Google Meet no dia 06 de setembro de 2020 com participação do Tom Morita (coordenador da SHE), Elisvia Barbosa (Vice-Presidente da SBE), Rafael Ferreira (2º Secretário da SBE), Afonso Figueiredo, Christiane Donato e Daniel Goldner.



Recomendações para atividades espeleológicas (COVID-19). Se puder, fique em casa!

Por Dra. Mariane Ribeiro SER 235SP17 e Fernando Vergos SER 234SP17
Equipe médica da Seção de Espeleoresgate (SER/SBE)

Introdução

O que verificamos nos últimos meses foi uma paralisação mundial da maioria dos serviços. Muitos perderam o emprego, outros precisaram manter atividades essenciais, expondo-se a si e seus familiares ao Covid-19 e outros puderam ter o privilégio de trabalhar em casa. Porém, muitos perderam suas vidas, e por essas pessoas seguimos mantendo rotinas de cuidado, atualizando e criando diretrizes para nos adaptar continuamente ao novo cenário sem colocar em risco mais vidas.

O processo de reabertura está ocorrendo em muitos lugares de maneira gradual, a princípio priorizou serviços essenciais e no contexto atual brasileiro vislumbramos a abertura de Parques Estaduais e Nacionais. Existe a possibilidade de uma vacina, mas no momento devemos seguir as orientações do nosso órgão competente nacional, o Ministério da Saúde, para permanecermos seguros e reduzirmos a transmissão da doença. Para muitas pessoas que se enquadram no grupo de risco, isso significa ficar em casa e manter o isolamento social por mais um tempo e felizmente para outros, com o privilégio da boa saúde, poderão desfrutar de maneira segura da espeleologia durante a pandemia da Covid-19.

A espeleologia é uma atividade ampla, e consegue manter-se presente mesmo para aqueles que deverão manter-se isolados, preparando-se ainda mais para quando o cenário se modificar. Poderão realizar relatórios com descrição de cavernas ainda pouco estudadas, contendo desde dados mais concretos como também percepções pessoais, sensações auditivas, olfativas, relatar medos, problemas e intercorrências que aconteceram na atividade. Tratam-se de experiências únicas e que muito contribuem para o patrimônio espeleológico e são através de relatórios simples como esses que gerações futuras poderão identificar a dinâmica daquela caverna e o aprimoramento de equipamentos e técnicas.

Caso tenha um projeto de mapeamento em andamento, poderá dar continuidade aos desenhos, completar seu banco de dados e até atualizar-se com novos programas e técnicas de mapeamento, o que não faltarão tutoriais de grupos espeleológicos por todo o mundo para auxiliá-lo. Poderá também programar reuniões online e até organizar com seu grupo espeleológico aulas e exercícios online, podendo contar ainda com o apoio daqueles que estão mais distantes fisicamente da espeleologia mas que detêm enorme conhecimento e experiência.

Podemos citar também ferramentas fundamentais oferecidas pela internet à atividade espeleológica tais como mapas hidrogeológicos e o próprio Google Earth, os quais podemos iniciar uma prospecção remota para então, posteriormente, agendarmos uma atividade de campo.

Além do "Home-Office Espeleológico", você poderá realizar de forma relativamente segura a atividade de prospecção, combinando com outros espeleólogos para se encontrarem em uma determinada região promissora e obter material fotográfico, coordenadas de GPS e até, tomando as devidas precauções como o distanciamento e uso de máscaras, realizar pequenas explorações das cavidades.

A tecnologia nos permite continuar nossas amizades, atividades e, sobretudo, fazer novos planos. Nos permite diariamente acesso a dados e estudos para atualizarmos medidas e protocolos para em breve nos reunirmos novamente nessa grande família espeleológica.



Live sobre a Organização do Espeleoresgate no Brasil, no programa E-GRIC TV "Caverneiros Virtuais" ([link](#))



Live do Bambuí (GBPE) sobre a expedição à Serra do Aracá em 2015 ([link da live](#))





Reunião semanal online do Espeleo Grupo de Brasília - EGB

Retomando a prática espeleológica

Com o objetivo de reduzir a propagação do vírus, Parques e outras Unidades de Conservação tiveram suas atividades e visitas suspensas em sua maioria, porém, é importante a elaboração de diretrizes que propiciem uma reabertura gradual e segura desses locais e abaixo iremos abordar especificamente a atividade Espeleológica, inserida tanto no contexto das áreas naturais protegidas (Parques, Monumentos Naturais etc.) quanto em Propriedades Privadas, não reduzindo ou flexibilizando em nenhum caso a importância da adoção de medidas de segurança para evitar a propagação da Covid-19.

Embora a Espeleologia seja considerada uma atividade ao ar livre (Outdoor) conjuntamente à escalada, ao trekking, entre outros, ela possui uma particularidade importante no contexto da Covid-19: sua prática ocorre principalmente em ambientes mais confinados, com existência de locais restritos e com pouca circulação de ar.

Outra particularidade importante da Espeleologia é o possível contato com morcegos em alguns tipos de atividades, uma vez que não pôde ser afastada a possibilidade de transmissão da Covid-19 de pessoas para morcegos (Eurobats, 2020; Runge et al., 2020; UICN, 2020). Não há evidências de que o SARS-CoV-2 se espalharia em condições naturais de pessoas para morcegos, e que tão pouco circularia nessas populações. No entanto, sabe-se do potencial risco de transmissão da Covid-19 de pessoas para a vida selvagem e, portanto, recomenda-se que medidas de precaução sejam tomadas para minimizar qualquer risco potencial para a vida selvagem de contrair SARS-CoV-2, incluindo morcegos.

Lembre-se, uma boa prática de proteção à Covid-19 no mundo espeleológico vem somar-se às boas práticas no dia-a-dia e não excluí-las.

Orientações para boas práticas em espeleologia - conscientização para ações e atitudes preventivas

Priorizar ações de conscientização dos espeleólogos sobre aspectos de segurança relativos à atividade espeleológica, possibilitando a realização de suas atividades de modo a cuidar da sua saúde e da saúde da equipe e demais envolvidos nas atividades. Isso poderá ser viabilizado através de emails, cartilhas e folders eletrônicos, lives, palestras, etc.

SBV Espeleo 2020
I Simpósio Brasileiro Virtual de Espeleologia

05/06
ÀS 18H00

O que é espeleorresgate?

Willamy Amorim
DEBATEDOR
Seção de Espeleorresgate/SBE

Célio Andrade
MEDIADOR
GAE/Espeleonordeste

Diego Ferreira
DEBATEDOR
Seção de Espeleorresgate/SBE

Inscreva-se em: www.espeleonordeste.org

Live sobre O que é Espeleorresgate no 1º Simpósio Brasileiro Virtual de Espeleologia

Pré-saída:

- A saída ou atividade é realmente necessária? É importante avaliar a real necessidade da atividade proposta e os riscos envolvidos, tanto com relação à transmissão de Covid-19 entre os participantes e comunidade local, quanto os riscos da própria atividade espeleológica, caso tenha necessidade de acionamento de uma equipe de resgate ou atendimento hospitalar;
- Dar preferência para trabalhos de escritório: tabulação de dados; finalização de mapas; prospecção cartográfica...
- Nos casos de trabalho em campo, dar preferência às atividades de prospecção externa ou cavidades conhecidas, amplas e com boa circulação de ar;
- Avaliação dos participantes;
- Avaliar o número de participantes a depender da atividade proposta. Idealmente procura-se o menor número de participantes possível, mas que não comprometa a segurança dos participantes na atividade proposta;
- Evitar participação de pessoas pertencentes à grupos de risco (sobretudo idade e/ou comorbidades) ou que residam em mesmo domicílio com pessoas de grupo de risco;
- Evitar a participação de pessoas com histórico de contato recente (até 14 dias) com casos suspeitos ou confirmados de Covid-19;
- Coordenador da saída deverá realizar contato com todos os possíveis participantes no dia anterior à saída e questionar sinais e sintomas de Covid-19;
- Dar preferência a participantes que já desenvolveram a doença previamente e com comprovação de imunidade sorológica (IgG positivo) - PASSAPORTE SOROLÓGICO;



- Avaliar estrutura de transporte e hospedagem:
 - Planejar o transporte procurando alocar pessoas do mesmo núcleo familiar no mesmo veículo, procurando evitar o uso de ar condicionado, mantendo as janelas abertas e uso de máscaras e álcool gel periodicamente, e se possível, manter distanciamento de 1 assento entre os usuários;
 - Planejar a hospedagem, procurando manter agregadas no mesmo dormitório ou barraca pessoas do mesmo núcleo familiar;
 - Uma maneira viável é o uso de acampamento, com barracas e fogareiros individuais, além de dispor de ambiente aberto e bem ventilado (Lembrete: Usualmente não se pratica o uso de máscaras ao dormir, por isso a importância do isolamento ao dormir);
 - Evitar o uso de utensílios compartilhados, sobretudo talheres e copos.

Durante a saída/ atividade de campo:

- Procurar manter o uso de máscaras, distanciamento social e higienização frequente de mãos entre os participantes e quando próximos à população local;
 - Lembrar-se de não tocar os olhos, nariz e boca antes de tirar as luvas e higienizar as mãos. Minimizar ao máximo o contato das mãos com a máscara e higienizá-la sempre que tocada;
 - Procurar manter a mesma divisão dos veículos no percurso de aproximação às cavernas e retorno à hospedagem/base;
 - Se possível, realizar trilhas de aproximação e retorno com membros posicionados lateralmente com distanciamento mínimo de 2 metros; quando não for possível esse cenário, em caso de filas indianas, manter o distanciamento de no mínimo (4-5 metros) entre os participantes, procurando utilizar máscaras;
 - Dentro das cavidades, evitar passagens estreitas quando ocorreria um contato mais prolongado com paredes e solo, o que aumentaria a possibilidade de contaminação de outros participantes;
 - Nas atividades verticais, recomenda-se um intervalo arbitrário de 10- 20 minutos entre cada praticante, mantendo o uso de máscaras e luvas;
 - Evitar cavernas ou salões habitadas por colônias de morcegos e manter a máxima distância possível de morcegos individuais, procurando usar máscara e luvas descartáveis na presença desses. Em casos de número elevado de morcegos, sugere-se abortar a atividade (Seguir essas recomendações e medidas de precaução podem reduzir o risco de uma possível transmissão do SARS-CoV-2 de pessoas para morcegos);
 - Evitar compartilhamento de objetos e equipamentos além do estritamente necessário;
 - Nas atividades que necessitem de equipamento coletivo:
 - Recomenda-se o manuseio de equipamentos de terceiros e coletivos por apenas 1 pessoa, utilizando máscara e luvas (de espeleologia mesmo);

- Recomenda-se que a equipagem/ desequipagem pessoal seja feita em ambiente arejado, preferencialmente ao ar livre, com distanciamento pessoal e normas de precauções já abordadas;
- Recomenda-se que apenas 1 espeleólogo faça a equipagem da cavidade, evitando-se a possibilidade de contaminação cruzada; da mesma forma, é ideal que o mesmo espeleólogo faça a desequipagem;
- Equipamentos de uso coletivo deverão ser acondicionados em sacos plásticos após o término da atividade e então prosseguir para a desinfecção, respeitando os protocolos vigentes;
- Caso algum participante apresente sintomas suspeitos durante a atividade, providenciar um espaço para isolamento do participante, prestar assistência necessária seguindo normas de precaução e contatar o serviço de saúde local. Deve-se, por precaução, encerrar a atividade.

Retorno e período pós saída:

- Recomenda-se deixar em quarentena de 72hs os equipamentos de uso coletivo e prosseguir com limpeza habitual segundo normas do fabricante (mais informações na próxima edição do SBE Notícias);
 - Acondicionar todos os materiais descartáveis, tais como máscaras, luvas, lenços, entre outros em sacos de lixo individualmente para no término da atividade serem levados e descartados no local de residência de cada praticante;
 - Recomenda-se que o coordenador de saída realize o acompanhamento dos participantes num período de até 14 dias, questionando sobre sinais e sintomas sugestivos de infecção da Covid-19;
 - Se em um período de 14 dias algum dos participantes desenvolver sintomas suspeitos ou mesmo testar positivo para Covid-19, este deverá informar os demais integrantes da atividade bem como à instituição à qual é filiado a fim de tomar as medidas necessárias segundo PROTOCOLO DE CONTINGÊNCIA abaixo.

Protocolo de contingência:

Grupos e Instituições deverão acionar o protocolo abaixo quando notificados de que algum espeleólogo encontra-se contaminado pela Covid-19 ou suspeito de contaminação, com histórico de atividade espeleológica em grupo em um período menor de 14 dias. Este protocolo visa mitigar ao máximo a disseminação da doença.

1. Notificação do Grupo ou Instituição de que algum espeleólogo encontra-se com Covid-19 ou suspeito de, havendo participado de atividade de campo num período menor de 14 dias;
2. O Grupo deverá avaliar o relatório da atividade executada atentando-se à fatores importantes que poderiam aumentar o risco de contaminação de outros participantes, tais como:

- Duração da atividade (horas, dias, semanas)
- Quantidade de pessoas envolvidas na atividade



- Espeleólogos
- Monitores
- População Local
- Funcionários do Parque
- Avaliar uso de Equipamentos de Proteção Individual
 - Paramentação e Desparamentação
 - Higienização- quando não for descartável
 - Descarte correto destes EPIs

3. Acionar por telefone todos os participantes envolvidos na atividade espeleológica e questioná-los sobre os principais sintomas da Covid-19

4. Avaliar quais equipamentos de uso coletivo foram manuseados pelo espeleólogo confirmado/ suspeito e verificar se esses foram deixados em quarentena ou mesmo se foi realizado a desinfecção dos mesmos.

5. Recomenda-se o isolamento por 14 dias de todos os envolvidos na atividade.

Mais informações:



www.espeleorresgate.com.br

SEFE/eBRe

Acervo de fotos da SEFE/eBRe

Por Carla Pereira e Mariana Timo
Acervo fotográfico da Seção de Educação e Formação Espeleologia (SEFE) / Escola Brasileira de Espeleologia (eBRe)

Nos meses de julho, agosto e Outubro de 2020, a Seção de Educação e Formação Espeleológica SEFE/SBE, iniciou junto à comunidade espeleológica uma campanha nas redes sociais, convidando a colaborar com o acervo de fotos da SEFE/eBRe. A campanha teve como objetivo criar um banco de fotos a serem utilizadas na produção de material didático a serem utilizados, tais como: apostilas para cursos, material de divulgação (digital/impresso), banners entre outros.

O material didático é uma ferramenta/instrumento importante para a divulgação da espeleologia auxiliando na construção do conhecimento, priorizando a singularidade de cada indivíduo. Através do material didático o aprendizado se torna contínuo, sendo o material de apoio ao ensino para toda a comunidade espeleológica. Daí a necessidade da SEFE/eBRe confeccionar o material didático de qualidade, com



Romaria do Sagrado Coração de Jesus. Lapa da Mangabeira. Município de Ituaçu (BA). Foto: Elvis Barbosa, 2011.

embasamento teórico e com fotos que retratam a espeleologia no Brasil. O espeleólogo tem a capacidade de transmitir através da lente de uma máquina toda beleza e a importância da divulgação da ciência espeleológica. Foram solicitadas fotos de várias temáticas dentro da espeleologia como: manifestações culturais e religiosas, cavidades em Unidades de Conservação, salões em cavernas, espeleotemas, cavernas em diferentes litologias, hidrogeologia em cavernas, travessias e infraestrutura em cavernas turísticas e outros.

Agradecemos aos espeleólogos por terem atendido ao nosso pedido. No total foram disponibilizadas 323 fotografias de excelente qualidade. Seguem listados os nomes dos colaboradores: Alexandre Lobo, Ataliba Coelho, Daniel Menin, Elvis Barbosa, Fábio Lima, Gabriel Lourenço, Gecivaldo Rosa Mota, Lorena Oliveira Pires, Luiz Eduardo Panisset Travassos, Marcelo André, Maria Elina Bichuette, Mariana Barbosa Timo, Nivaldo Colzato, Sue Ann Galvão, Teresa Maria Aragão e Xavier Prous. Todos os direitos autorais serão preservados.



S11_0007 (Labirinto de Máfica/Paleotoca). Canaã dos Carajás (PA). Foto: Xavier Prous, 2013.



Desmoronamento no entorno da Lapa Vermelha I

Observatório Espeleológico conclui levantamos sobre movimento de massa ocorrido em Unidade de Conservação no município de Pedro Leopoldo/MG.

Por Jorge Duarte Rosário¹, Fred Lott² e Roberto Cassimiro²

¹Colaborador do Observatório Espeleológico (OE) e ²Membro do OE

No dia 04 de março, após intenso período de chuvas na região cárstica de Lagoa Santa em Minas Gerais, ocorreu um significativo movimento de massa que interrompeu parcialmente o acesso à caverna Lapa Vermelha I (LV-I) e alterou consideravelmente a paisagem do seu imponente pórtico.

A caverna se localiza na unidade de conservação (UC) Monumento Natural Estadual Lapa Vermelha (MNELV) em Pedro Leopoldo, MG, e diante das incertezas sobre a estabilidade do talude rompido, da segurança dos que transitam em direção à caverna e em relação à eventuais impactos no próprio patrimônio espeleológico, a Gerente do Monumento, Cintia Palhares, convidou o pesquisador e colaborador da UC Jorge Rosário para a uma avaliação técnica do local do evento.

Em meados de agosto a Gerente da UC, por sugestão do espeleológico Jorge Rosário, solicitou apoio técnico ao Observatório Espeleológico para compor a equipe e realizar avaliações complementares, ampliando assim a discussão para proposição de recomendações.

Dada a relevância do MNELV bem como o da caverna Lapa Vermelha I, e ainda, baseado em seus princípios estatutários, o OE concedeu três das quatro formas de apoio que oferece quais sejam: apoio técnico, material e financeiro.

De fato a importância do MNELV é notória, sendo que, além de abrigar importante Patrimônio Espeleológico, incluindo a segunda maior caverna do carste de Lagoa Santa (1.870 metros de desenvolvimento linear), constitui-se em área de

recarga hidrológica do aquífero. A UC também tem a função de proteger importante Patrimônio Arqueológico que é referência mundial no cenário científico devido à descoberta do fóssil humano denominado “Luzia”, ocorrido em 1975 na Lapa Vermelha IV.

Diversos anseios por parte da UC foram identificados e os estudos foram conduzidos de maneira a compreender os motivos que deflagraram o evento, identificar o Grau de Segurança do acesso que foi comprometido e avaliar eventuais impactos ambientais que poderiam incidir sobre o Patrimônio Espeleológico, Arqueológico e Ambiental, bem como as possibilidades de manejo que pudessem concorrer para a mitigação de possíveis impactos ambientais identificados.

Dessa maneira, o OE elaborou uma Nota Técnica contendo informações e elementos que, espera-se, possam contribuir para as tomadas de decisão da gerência do MNELV no que tange os desdobramentos do evento.

O documento foi encaminhado à UC no início de outubro e pesquisadores que tenham interesse em contribuir com estudos complementares podem solicitar uma cópia através de um de nossos canais.

Contato:

Site Observatório Espeleológico

E-mail: contato@observatorioespeleologico.org.br



Zoneamento da ruptura do talude, Lapa Vermelha I. Fonte: Arquivo do OE.



Espeleologia Cultural: Um Olhar Sob Várias Perspectivas E Áreas do Conhecimento

Por Patrícia Fernanda Carvalho de Sousa
Grupo de Pesquisa e Extensão em Espeleologia Guano Speleo

A Comissão Mineira de Folclore, convidou o Grupo de Pesquisa e Extensão em Espeleologia Guano Speleo para participar da 34ª edição da Revista publicada pela instituição. O convite chegou ao grupo por intermédio da Laís Fernandino membra do grupo e pelo professor José Moreira de Souza da comissão editorial da revista.

O volume 2 da REVISTA DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE foi publicado em meio digital no dia 02 Agosto de 2020 cujo o Tema foi “Grutas e Cavernas em Minas Gerais: Saber técnico e Imaginário popular”.

Érika Sousa Vieira de Casto, Laís Moreira Fernandino, Marcos Gabriel Moreira Xavier e Patrícia Fernanda Carvalho de Sousa foram responsáveis por abraçar essa ideia e produzir o texto que foi enviado para a publicação com o título “Espeleologia Cultural: Um Olhar Sob Várias Perspectivas E Áreas do Conhecimento”.

No texto os autores buscaram apresentar as várias vertentes que envolvem a espeleologia, relacionando os termos técnicos, com um conteúdo mais leve e diversificados associando o imaginário popular a essas várias vertentes.

Um resumo geral do que é apresentado no texto, pode ser observado no Editorial escrito pela Érika Castro e Marcos Gabriel Xavier:

“As cavernas são formações rochosas muito antigas, concebidas pela ação do vento e das águas que lapidam as rochas, criando espaços vazios, ornamentações ímpares e salões muitas vezes estreitos ou gigantescos que caberiam facilmente uma casa ou até mesmo um edifício de alguns andares. Por estarmos desacostumados a frequentar estes ambientes de características tão singulares, os buracos e entranhas profundas, ecos, jogos de luz e a ausência total dela, brilhos e sombras, nos suscitam mil e uma imaginações. Fantasiamos diversos cenários similares ao inferno, habitados por monstros e vilões ou até mesmo como uma das coisas mais maravilhosas que a natureza criou.

As cavernas estão presentes na história da humanidade e nos faz devanear sobre o tempo, o saber, a política e o ser, e não é à toa que também fazem parte das reflexões de grandes filósofos. No seu interior nascem do teto para baixo ou do chão para o céu, formações magníficas e constelares, como as cortinas de minerais que parecem estar banhadas por estrelas, além de estruturas que se assemelham com lanças e espetos, ou ainda, um jardim repleto de flores de calcita que mais parecem vidros moldados a mão. Ao mesmo tempo, nos imaginamos no fundo do oceano ao depararmos com pérolas tão rebuscadas, “retiradas de uma enorme ostra”, cultivadas uma a uma, por longos anos e, próximos a elas, podemos encontrar também os coralóides, espeleotemas gerados a partir da transpiração das rochas, similares aos recifes de corais, grupos responsáveis pelo “respirar” dos oceanos.

O patrimônio espeleológico presente no Brasil é muito vasto, cavernas que se destacam na paisagem em diversas litologias e formas, muitas delas possuindo características únicas, sejam de cunho ambiental e/ou social, daí a importância de preservá-las, conservá-las. O Guano Speleo é uma ONG sem fins lucrativos que visa o estudo e a divulgação do patrimônio espeleológico, desenvolvendo pesquisas, cursos e atividades educativas, que buscam a valorização e a conservação das cavidades naturais subterrâneas. Este ensaio discute temáticas que envolvem a sociedade e as cavernas, como espaço de produção do conhecimento popular, aliado aos conhecimentos empíricos da ciência espeleológica.”

O texto está disponível online Revista No. 34. Agosto/2020 e pode ser acessado através [deste link](#).

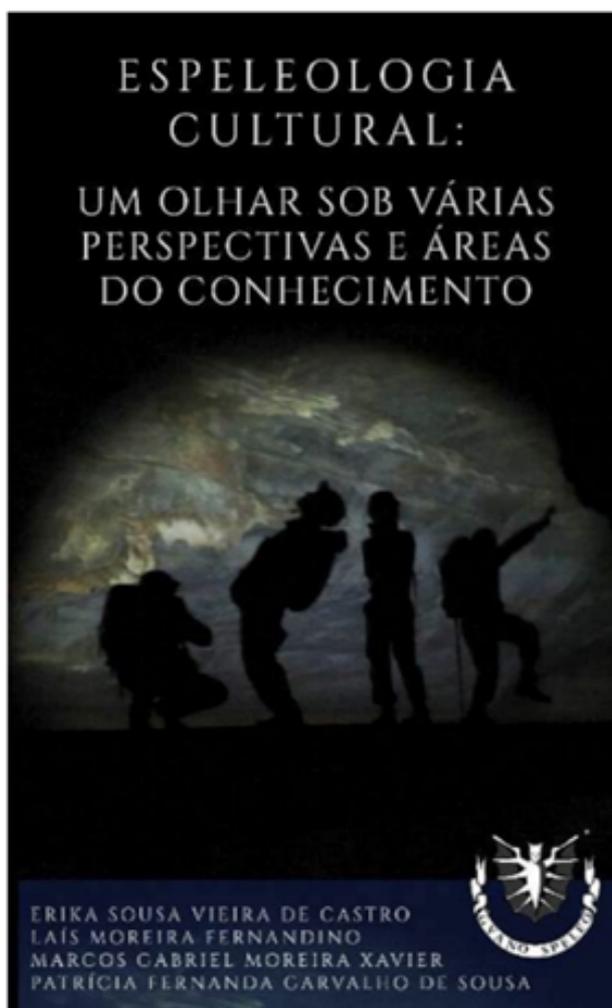


Foto: Alice Chagas



SEE disponibiliza vídeos sobre o programa TOPGRU

Por Wilker Soares, Diretor de Imprensa e Divulgação SEE/UFOP
Sociedade Excursionista e Espeleológica dos Alunos da Escola de Minas de Ouro Preto (SEE)

Lançado no dia 01 de agosto deste ano, o programa de topografia de cavernas TOPGRU vem obtendo um feedback muito positivo dos usuários que já o testaram. Nestes dois últimos meses, desde o lançamento, a Sociedade Excursionista e Espeleológica (SEE) vem preparando uma seção de vídeos no seu canal do Youtube. O conteúdo dos vídeos tem como objetivo introduzir os usuários ao TOPGRU, além de auxiliar no entendimento das principais funções disponíveis no programa.

Até o momento, foram disponibilizados três vídeos relacionados ao TOPGRU no canal do YouTube da SEE. O primeiro vídeo foi sobre Conceitos Básicos de Topografia de Cavernas, o segundo trata-se de uma videoaula: “Instalando e Executando o TOPGRU”,

já o terceiro vídeo, lançado no início deste mês tem como tema: “Introduzindo os dados no TOPGRU”. Lembrando que esta seção de vídeos, assim como o programa foram preparados pelo espeleólogo Marcelo Taylor de Lima.

Todo conteúdo está disponível no **canal da SEE no Youtube** e também no **nosso site**, onde é possível

fazer o download gratuito do programa e ter acesso ao manual de instruções e a história do desenvolvimento do TOPGRU. Além do nosso conteúdo, a seção do site também conta com o link do vídeo disponibilizado pela página Espeleometria em Foco realizando os seus testes no programa.

SEÇÃO DE VÍDEOS TOPGRU

- PROGRAMA DE TRATAMENTO DE DADOS GERADO PELA TOPOGRAFIA ESPELEOLÓGICA
- SAÍDAS EM FORMA DE ARQUIVOS DE TEXTO, MODELOS CAD 2D E 3D (DXF), KML 3D, COMPASS E THERION
- DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD GRATUITO NO SITE DA SEE
- TODOS OS VÍDEOS DISPONÍVEIS NO CANAL DA SEE NO YOUTUBE

TOPGRU

You Tube

DESENVOLVEDOR: MARCELO TAYLOR DE LIMA

ACESSE:
SEE.UFOP.BR

SEE
Sociedade Excursionista & Espeleológica

Arte: Wilker Soares, Diretor de Imprensa e Divulgação SEE/UFOP.



Anfíbio encontrado em cavernas pode virar espécie-símbolo de Florianópolis

Por Fabiano Faga-Pacheco
Espeleo Grupo Teju Jagua (EGTJ)

A rã-manezinha (*Ischnocnema manezinho*) é uma espécie que ocorre apenas na Ilha de Santa Catarina, em Florianópolis, e já foi observada, pelo menos, em cinco das mais de 120 cavernas registradas no município. Apesar desse nome, que remete à forma como os florianopolitanos - de nascença ou de coração - são carinhosamente chamados, a rã-manezinha ainda é praticamente desconhecida pela população local. Mas um projeto de lei pretende mudar isso e colaborar para retirá-la da lista de espécies ameaçadas de extinção. O PL nº 18087/2020, assinado pelos vereadores Maikon Costa (PL) e Lino Peres (PT), mostra que a conservação da biodiversidade é uma bandeira suprapartidária. A proposta inclui a rã-manezinha como uma das espécies-símbolos de Florianópolis, junto com o garapuvu, a orquídea lélia-púrpura e o martimpescador-verde. Com isso, a espécie ganha maior visibilidade e chama atenção para a necessidade de proteção das cavernas.

O Espeleo Grupo Teju Jagua (SBE G125) elaborou uma nota de apoio ao projeto. Em 2016, a bióloga Caroline Batistim Oswald estudou o complexo de

espécies *I. manezinho* em seu mestrado e descobriu que a rã-manezinha consistia, na verdade, em um complexo de cinco espécies diferentes, uma sendo a original restrita à Florianópolis. Com o aumento do impacto do avanço urbano e da ocupação ilegal do solo, a espécie hoje está restrita a uma área inferior a 8 km². A ideia é que a espécie, que tem forte potencial para a educação ambiental, sirva como espécie guarda-chuva para os ambientes cavernícolas e seus arredores. A iniciativa de tornar espécies-símbolos aquelas que ocorrem em cavernas pode ajudar a levar a administração pública a ter um olhar mais conservacionista sobre esses ambientes e colaborar, especialmente, onde as cavernas estão em maior risco devido à pressão pela extração mineral.

Também manifestaram seu apoio à iniciativa o Grupo de Estudos em Animais Selvagens (GEAS) e o Laboratório de Ecologia de Anfíbios e Répteis da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Saiba mais:

[Projeto de Lei nº 18087](#)

[Nota de apoio do EGTJ](#)

Linhas de transmissão colocam em risco cavernas do Paraná

Por Henrique Simão Pontes (GUPE) e Kleber Makoto Mise (GEEP-Açungui)
Grupo Universitário de Pesquisa Espeleológica (GUPE) e Grupo de Estudos Espeleológicos do Paraná (GEEP-Açungui)

Um grande empreendimento no Estado do Paraná está colocando em risco o patrimônio espeleológico da região dos Campos Gerais e entorno. São mais de 1000 quilômetros de linhas de transmissão que interligarão os municípios de Ivaiporã a Ponta Grossa e Ponta Grossa a Bateias (distrito de Campo Largo). Trata-se de um grande projeto de transmissão de energia elétrica chamado Sistema Gralha Azul que irá suprimir mais de 4 mil araucárias, árvore símbolo do Paraná. Parece até piada batizar o projeto como a Gralha-azul – ave intrinsecamente ligada com a Araucária, sendo também um dos símbolos do estado.

O licenciamento ambiental do empreendimento foi fragmentado em duas partes, uma manobra para que todo o processo fosse realizado pelo órgão ambiental estadual, o Instituto Água e Terra (IAT), e não pelo IBAMA. O resultado foi um processo com vícios, erros graves, atropelos e irregularidades. Uma equipe multidisciplinar de professores e estudantes de pós-

graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) realizou uma análise detalhada dos dois estudos de impactos ambientais (EIA). O relatório concluiu que os estudos acumulam problemas nos levantamentos sobre o meio biológico, físico e socioeconômico, como também na avaliação dos impactos ambientais gerados pela obra. O processo licitatório foi inclusive objeto de reportagem do **Fantástico**, que menciona a falta de clareza em relação às medidas compensatórias exigidas pelo IAT.

Em meio a esses erros crassos, os estudos espeleológicos nem puderam ser avaliados dentro da avaliação dos estudos de impactos ambientais, uma vez que nem foram realizados. O problema é que o IAT não tem exigido estudos espeleológicos para vários empreendimentos de grande potencial degradador poluidor, desrespeitando todo o aparato legal que rege o tema.

O Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas



(GUPE) realizou, no início do ano de 2019, uma prospecção em um pequeno trecho por onde as linhas passarão. Em um dia de trabalho de campo foram identificadas 10 novas cavidades naturais subterrâneas, evidenciando o potencial da região. O estudo resultou na denúncia ao Ministério Público do Estado do Paraná (MPPR) sobre os riscos do empreendimento às cavernas e os problemas no EIA apresentado para o trecho Ponta Grossa/Bateias.

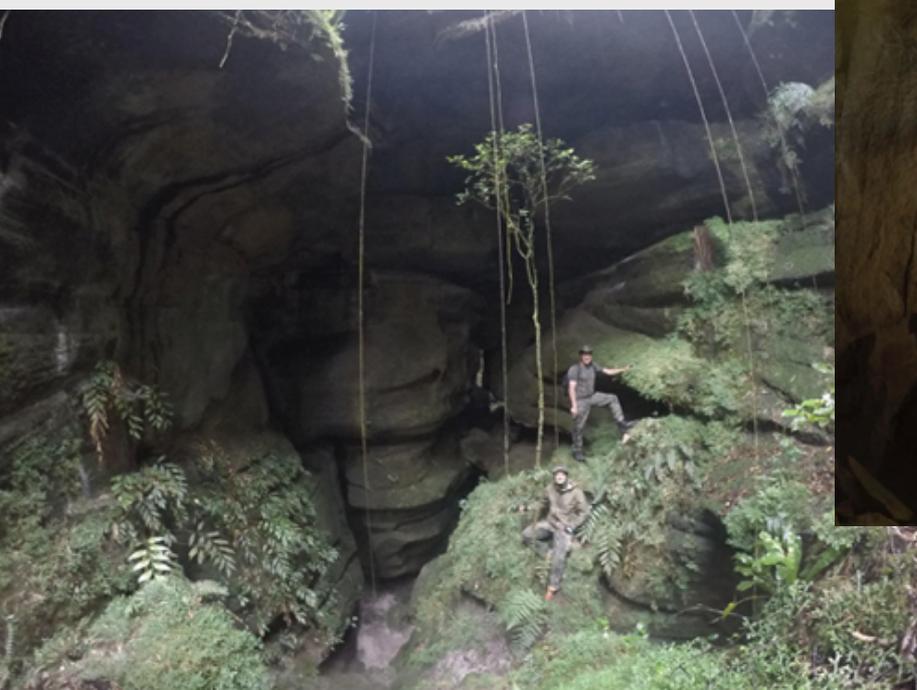
No início deste ano, GUPE e GEEP-Açungui (Grupo de Estudos Espeleológicos do Paraná) tiveram acesso ao estudo espeleológico do trecho Ponta Grossa/Bateias apresentado posteriormente pela empresa, mas repleto de erros e equívocos e totalmente incompleto. Com base nisso, nova denúncia foi submetida ao MPPR. Recentemente, os grupos tiveram acesso aos levantamentos espeleológicos realizados no trecho Ivaiporã/Ponta Grossa, e os problemas persistem, sendo somada mais uma denúncia ao Ministério Público.

Dentre os problemas há o fato de que não foram realizadas prospecções espeleológicas em toda a área do empreendimento (considerando raio de 250 metros de área de influência de cavidades naturais subterrâneas, conforme Resolução CONAMA nº 347/2004). São mais de 17 mil hectares de áreas com potencial para a ocorrência de cavidades naturais subterrâneas, incluindo áreas de carste não carbonático e carbonático. Também não foram realizados estudos de relevância espeleológica nas cavernas situadas na área de influência direta do empreendimento (conforme prevê o Decreto nº 6.640/2008 e IN MMA nº 02/2017).

Só a região dos Campos Gerais do Paraná, que inclui relevo cárstico siliciclástico não carbonático formado nas rochas da Formação Furnas e Grupo Itararé, são conhecidas mais de 200 cavernas. O empreendimento também passa por áreas com afloramentos de arenitos da Formação Botucatu e lentes calcárias da Formação Irati, muito pouco prospectadas no Estado, mas consideradas unidades com potencial muito alto para a ocorrência de cavidades naturais subterrâneas.

Energia elétrica é importante, e o projeto Galha Azul resultará em significativo incremento ao sistema de energia do estado do Paraná e para o sistema nacional. Contudo, não podemos obter recursos a qualquer custo. O mínimo deve ser feito: estudos espeleológicos completos e de qualidade! Contudo, o empreendimento já conta com as licenças prévias e de instalação, o estrago já começou e nem ao menos sabemos o que temos de patrimônio espeleológico nas áreas por onde as linhas de transmissão passarão. Até quando o órgão ambiental do Estado do Paraná permitirá isso?

Em razão do exposto, o GUPE e o GEEP-Açungui vem pedir apoio da comunidade espeleológica na **assinatura da petição** para paralisação das obras até que todas as irregularidades sejam apuradas, de forma a reduzir o impacto ao nosso patrimônio espeleológico.



Entrada de uma das cavernas areníticas situadas nas proximidades do empreendimento. Foto: Vinicius Pelissari.



Raios de sol adentrando claraboia de uma das cavidades areníticas situadas nas proximidades do empreendimento. Foto: Antonio Carlos Foltran.



Fauna e Flora

*Por Evânio de Jesus Santos e colaboração de José Aloísio Cardoso
Membro da SBE e Guia no Complexo Caverna do Padre*

A ocorrência de cerrado, floresta e caatinga determina uma grande variedade na fauna que habita cada um destes ecossistemas na Bacia Hidrográfica do Rio Santo Antônio e do Rio Corrente no Complexo Caverna do Padre.

Um destaque para a fauna aquática é o dourado, surubim, traíra, pacú e piau, que migram do São Francisco e fazem suas piracemas nas cabeceiras dos inúmeros rios e riachos que formam o Rio Corrente. Devido à dissolução do calcário, cria-se nas águas salobras, um ambiente propício para desova dos peixes. Um verdadeiro paraíso para a fauna aquática.

O corte das matas de galerias está prejudicando a alimentação de dourados, pacús e piaus, peixes que se alimentam de frutos das árvores ribeirinhas.

Na relação de mamíferos que habitam a região existem espécies em risco de extinção, tais como porco espinho, jaguatirica, paca, onça pintada, suçuarana, onça parda, veado mateiro, tatu canastra, veado campeiro, lobo-guará, tamanduá, macaco prego e macaco barbado.

A relação da avifauna também é riquíssima: frango d'água, marreca, paturi, patos, garça, socó, mergulhão, viúva-de-brejo, pica-pau, saracura, sabiá, gavião, carcará, sofrê, azulão, seriema, arara-azul-grande, andorinha, tucano entre outras espécies. Os habitats de todas essas espécies estão sendo degradados pela pecuária na área das florestas e caatinga. Além destes fatos, a caça predatória é constante e às vezes em disputas, para saber quem mata mais marrecos, paturis e patos que migram no verão para esta região. Estas espécies viajam da América do Norte todos os anos, para reproduzirem nas lagoas que se formam nas margens dos rios, sendo perseguidas devido ao sabor e a quantidade de suas carnes.

Entre os animais silvestres da área do Complexo Caverna do Padre, que são espécies que merecem estudos e preservação, o mais urgente possível, é o Macaco Barbado que habita nas locas (fendas) de várias serras da área. Na Serra de Porto Novo, foi observada a presença desta espécie, que tem hábitos de subirem nos pés de Ouricuri, tirarem os cocos e levarem para a área de quebra. Neste local existe uma pedra (ferramenta) usada para quebrar o coco. Segundo os moradores locais, eles só se alimentam em grupo. Existe no aprendizado deles certo grau de raciocínio lógico, e ainda, segundo informações de diversos moradores da região, se aparecer um ser humano eles urinam sobre os cocos quebrados e vão embora. Posteriormente voltam e se alimentam dos cocos. Tal fato faz concluir que a capacidade de Raciocínio lógico está presente nesta espécie. Com o alto grau de desmatamentos na área, a vida destes Primatas está ficando em alto risco de extinção.

Os restos de florestas localizadas no Complexo Caverna do Padre e em outras áreas precisam ser estudadas e preservadas. É necessário criar uma unidade de conservação do Complexo Caverna do Padre para que possamos restaurar o equilíbrio ecológico da Fauna, da Flora e das Cavernas.

De um modo geral a degradação ambiental está ocorrendo em todos os ecossistemas da área em estudo, tanto no mundo animal, no mundo vegetal, no solo, nas cavernas e nos sítios arqueológicos de pinturas rupestres. Em quase todas as áreas visitadas estão ocorrendo extração da cobertura vegetal, seja na região do Cerrado, nas áreas dos Contatos de biomas, nas florestas e na Caatinga estão ocorrendo corte ilegal da vegetação nativa.



*Macaco Barbado acorrentado no Distrito de Porto Novo
(Santana, Ba) Foto: Aloiso Cardoso, setembro de 2007.*



Manoel Cruz, no livro RUMO AO CORRENTE, relata que no início do século passado o cedro era exportado da região pelos Portos de Santa Maria da Vitória e Porto Novo do Corrente (Município de Santana), através de navios que levavam a madeira para Pirapora (MG) e Juazeiro (BA). Este comércio quase extinguiu o cedro da região.

A extração de aroeira, baraúna e angico teve início nos anos 80. No final da década de 80 a média mensal de exportação dessas madeiras era de 750 caminhões, que as levavam para fazendas no sul do país.

Os danos provocados ao meio ambiente, com a extração exaustiva dessas madeiras de lei, provocaram na região danos incalculáveis, sem qualquer benefício à região. Pelas informações de ambientalistas locais, ainda existe comércio ilegal de madeira na região.

Na criação do gado de modo extensivo (usado na nossa região) é necessário desmatamento de extensas áreas de florestas e essas foram cortadas. O Código Florestal Brasileiro, Lei Federal nº 4771/65, atualmente regulado pela Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, no item ÁREA DE RESERVA LEGAL, artigo 12, diz que “todo imóvel rural deve manter área com cobertura de vegetação nativa, a título de Reserva Legal, de no mínimo 20% da propriedade”. Porém, não se tem informação que alguma propriedade rural de Santana conhece ou respeita esta lei que se encontra em vigor desde 1965. Nesta mesma lei, no item ÁREAS DE

PRESERVAÇÃO PERMANENTE, artigo 4, consta que: as vegetações das nascentes e margens dos riachos e rios são APPs, intocáveis. Mas nenhuma das nascentes nem margens dos riachos de Santana estão preservadas.

Na Lei Federal de Crimes Ambientais nº 9605/98, no item CRIMES CONTRA A FLORA, artigo 38, consta que: “Quem destruir ou danificar florestas consideradas de preservação permanente a pena é de um a três anos ou multa ou ambas as penas cumulativamente”. Nesta mesma lei, no item CRIMES CONTRA A FAUNA, artigo 29, consta que: “quem matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécies da fauna silvestre ou em rota migratória terá a pena de detenção de seis meses a um ano e multa”.

Todas estas leis continuam sendo desrespeitadas e a impunidade tornou-se rotina no cotidiano das pessoas. É provável que a raiz de todos os males esteja no descaso desse país para com a educação. Sabe-se que um povo devidamente educado respeita suas leis.

A conjunção de várias ciências como geomorfologia, espeleologia, arqueologia, paleontologia e das ocorrências de espécies da fauna e flora brasileira em risco de extinção, nos faz crer da necessidade premente de se criar uma Unidade de Conservação na área da Bacia Hidrográfica do Rio Santo Antônio, abrangendo todos os seus ecossistemas naturais e as ocorrências da área.

COMPLEXO CAVERNA DO PADRE (BA)

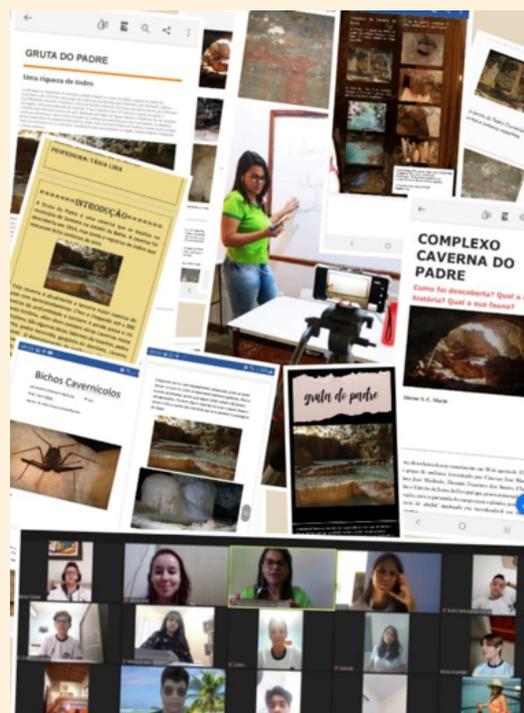
Conhecendo o Complexo Caverna do Padre remotamente

Por Tânia Maiza Santos Lima e colaboração de Evânio de Jesus Santos

Desde o início da pandemia a turma do 9º ano do ensino fundamental 2, do Educandário Diocesano Sant’Ana, da cidade de Santana (BA), fez uso remotamente através do aplicativo zoom e whatsapp, com orientação da professora de Geografia e Educação Ambiental Tânia Maiza Santos Lima, para discussões à cerca das riquezas espeleológicas da região, onde contou com as seguintes atividades:

- Apresentação do tema e explicação da biodiversidade da região;
- Apresentação de slides, fotos e documentários do Complexo Caverna do Padre;
- Bate-papo com o professor e guia turístico Evânio Santos;
- Debate, planejamento e produção dos trabalhos.

Por conta do isolamento social não foi possível fazer visita de campo, como nos anos anteriores, mas conseguimos analisar, estudar e divulgar as riquezas da região, bem como a necessidade premente de conservação do local.





Morcego marrom contaminado com o fungo causador da Síndrome do Nariz Branco. Foto de Stephen Alvarez, Nat Geo Image Collection, 2018 (reprodução).

Você higieniza seus equipamentos?

Por Lucas Mendes Rabelo (CEBS / Speleogaláticos)

Recentemente um trabalho publicado na revista científica *International Journal of Speleology* trouxe uma questão importante, que ao meu ver, devemos começar a pensar para amadurecer enquanto amantes das cavernas e implementar ações. O trabalho foi intitulado “*Did you wash your caving suit? Cavers’ role in the potential spread of Pseudogymnoascus destructans, the causative agent of White-Nose Disease*” que em português seria: Você lava o seu macacão de caverna? O papel dos espeleólogos como dispersores potenciais de *Pseudogymnoascus destructans* o agente causador da síndrome do nariz branco.

Para contextualizar, a síndrome do nariz branco já matou milhões de morcegos nos Estados Unidos e Canadá. Ela é causada por um fungo bem adaptado ao clima de regiões temperadas. O fungo é originário da Europa e Ásia, sendo, portando, exótico no continente Americano. Em seu continente de origem, não se tem relatos de mortes massivas de morcegos relacionadas ao fungo. No continente Americano os primeiros registros dessa síndrome ocorreram por volta do ano de 2006 e ocasionam problemas até os dias atuais onde o fungo ainda se espalha entre as colônias de morcegos de diferentes cavernas no continente.

Estudos apontam que, para cavernas de regiões próximas, a disseminação provavelmente se deve ao trânsito de morcegos infectados, mas, o aparecimento da síndrome em regiões distantes dos focos leva à suspeita da contribuição humana na dispersão. Sendo assim, o estudo em questão investigou o potencial de dispersão do fungo através dos equipamentos utilizados pelos espeleólogos durante as visitas às cavernas. Como resultado, os pesquisadores detectaram esporos dos fungos nos equipamentos de praticamente todos os visitantes que adentraram

cavernas contaminadas. Os esporos se mostraram ativos por até 25 dias após a visita na cavidade, sendo que mesmo após esses 25 dias os fungos não apresentaram taxas de germinação reduzidas, ou seja, mantiveram o seu poder de contaminação.

Isso nos faz refletir sobre a importância de uma boa higienização dos equipamentos após visitar nossas cavernas. Muitas vezes em um curto espaço de tempo visitamos cavernas de diferentes regiões, às vezes de diferentes países ou continentes sem dar a devida importância à higienização adequada dos equipamentos. Não me refiro apenas ao macacão de espeleologia. Qual foi a última vez que higienizou sua mochila? Não podemos esquecer do cinto, bota, capacete, corda entre tantos outros equipamentos de utilização corriqueira nas atividades de espeleologia, seja esportiva, científica ou profissional. Ainda não temos registro no Brasil de uma crise microbiológica diretamente associada às cavernas e sua fauna, como é o caso da síndrome do nariz branco aqui apresentada. Mas, dada a gigantesca diversidade de microrganismos associados às nossas cavernas, é importante começarmos a ter os devidos cuidados para não desestruturar a biota e microbiota desses ambientes, que tanto apreciamos.

Nunca se esqueça de higienizar seus equipamentos sempre.

Referências:

ZHELIAZKOVA, V. et al. Did you wash your caving suit? Cavers’ role in the potential spread of pseudogymnoascus destructans, the causative agent of white-nose disease. *International Journal of Speleology*, v. 49, n. 2, p. 145–155, 2020.



Ecology of *Antricola* ticks in a bat cave in north-eastern Brazil. *Experimental and Applied Acarology*, 2020, <https://doi.org/10.1007/s10493-020-00544-9>

Eder Barbier, Enrico Bernard & Filipe Dantas Torres

Pesquisadores da UFPE e FIOCRUZ publicaram artigo sobre dinâmica populacional de carrapatos *Antricola* em uma caverna na Caatinga de Pernambuco. O estudo revelou que a abundância dos carrapatos foi maior na estação seca e houve decréscimo significativo quando a umidade relativa do ar aumentou (>80%). Não houve correlação evidente nem com a temperatura ambiente, nem com o tamanho das populações de morcegos abrigados na caverna. Os autores pontuaram, ainda, que estudos de longo prazo possibilitarão um conhecimento mais profundo sobre os padrões ecológicos destes carrapatos cavernícolas.



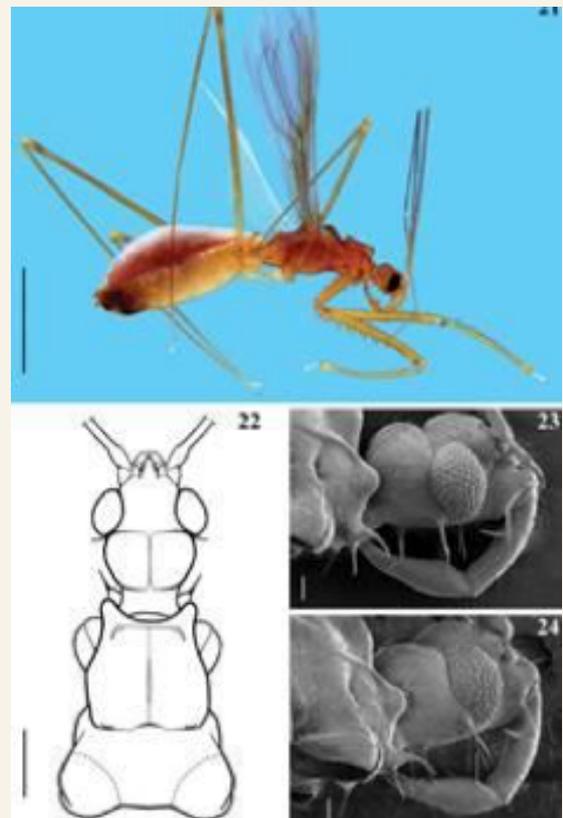
Caverna localizada no Parque Nacional do Catimbau, onde o estudo foi realizado. A) Entorno da caverna, B) Entrada da caverna, C) Câmara da caverna onde os carrapatos foram encontrados, D) Inúmeros carrapatos *Antricola* agregados na parede da caverna. Fotos: Eder Barbier e Narjara Tércia Pimentel. Fonte: Barbier et al. (2020).

Quasitagalis afonsoi gen. et sp. nov., parátipos fêmea 21 visão lateral 22 cabeça e pronoto, visão dorsal 23, 24 cabeça e porção anteroinferior do protórax 23 visão lateral 24 visão posterolateral. Barra de escalas: 2.0 mm (21); 0.5 mm (22); 0.1 mm (23, 24). (Reprodução das figuras 21, 22, 23 e 24 do artigo)

***Quasitagalis afonsoi*, a new genus and a new species of Saicinae (Hemiptera, Reduviidae) inhabiting a cave in Brazil, with an updated key to the genera of Saicinae of the New World. *Zookeys*, V.966: p. 9–39, 2020, <https://doi.org/10.3897/zookeys.966.52930>**

Hélcio R. Gil-Santana, Jader Oliveira & Robson de A. Zampaulo

Saicinae é uma subfamília de hemípteros da família Reduviidae com distribuição na região neotropical que inclui os percevejos predadores (a grande maioria das espécies conhecidas) e os barbeiros (de hábitos alimentares hematófagos). A maioria das espécies desta subfamília descritas até o momento foram coletadas em armadilhas luminosas, associadas a vegetação ou em ninhos de pássaros. Este trabalho descreve um novo gênero e espécie de Saicinae a partir de exemplares coletados em ambientes subterrâneos. Esta é a primeira vez que a subfamília é registrada em cavernas. A descoberta foi realizada na região sudeste do estado de Tocantins durante as expedições do Projeto SBE-Tocantins (PRO-ESPELEOTINS). O nome escolhido para a espécie, *Quasitagalis afonsoi*, corresponde a uma singela homenagem ao professor e pesquisador Dr. Luiz Afonso Vaz de Figueiredo. Afonso, é fundador da Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar (GESMAR) e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE).



Cave lithology effect on subterranean biodiversity: A case study in quartzite and granitoid caves. Acta Oecologica, V.106, 2020, <https://doi.org/10.1016/j.actao.2020.103645>

Marconi Souza Silva, Luiz Felipe Moretti Iniesta & Rodrigo Lopes Ferreira

Os efeitos do litotipo sobre a diversidade da fauna já foi relatado para cavernas ferruginosas em relação a outros tipos de rochas no Brasil. A diferenciação nas características de habitat impostas pela extensão dos espaços subterrâneos parece ser o principal fator determinante. Este padrão ecológico foi novamente mostrado para cavernas Granitóides e Quartzíticas, no Sul de Minas Gerais. A fauna das cavernas mostrou elevada distinção em relação aos dois litotipos, e a extensão das cavernas também foi um fator determinante no número de espécies encontradas. Entretanto, esta relação foi mais pronunciada para as cavernas Granitóides.

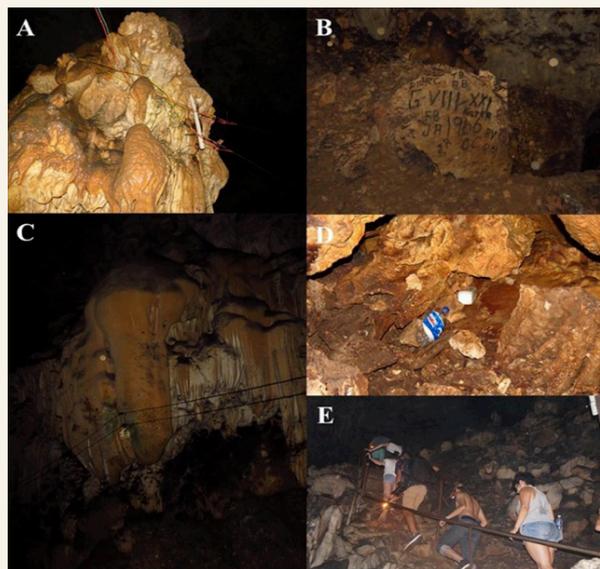


Entrada da gruta Bromélias, gruta em rocha siliciclástica situada no parque Estadual do Ibitipoca em Minas Gerais. Foto: Rodrigo Lopes Ferreira.

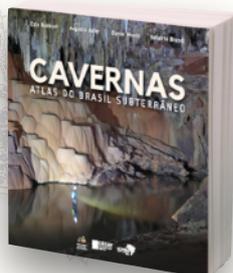
Tourism effects on the subterranean fauna in a Central American cave. International Journal of Speleology, 2020, <https://doi.org/10.5038/1827-806X.49.2.2333>

Gabrielle S.M. Pacheco, Marconi Souza Silva, Enio Cano & Rodrigo L. Ferreira

Pouco se sabe sobre como o turismo pode afetar as comunidades de invertebrados cavernícolas. Este estudo explorou como essas atividades afetam o ambiente e a fauna de invertebrados da Gruta de Lanquín, Guatemala. Os resultados mostraram que a comunidade diferiu entre os ambientes turístico e não turístico e que as espécies troglóbias se estruturam diferentemente das não troglóbias na caverna. Detectamos também que os caminhos por onde passam os turistas possuem o substrato diferente das outras regiões da caverna. Além disso, recomendações foram dadas para o turismo, a fim de conservar a biodiversidade da caverna.



Alterações humanas observadas na Gruta de Lanquín: (a) Instalações elétricas para iluminação artificial; (b) Grafitti do ano de 1966; (c) Instalação elétrica e espeleotemas escurecidos; (d) Lixo deixado por turistas; e (e) Turistas na caverna com velas de sebo para iluminação.



Você já tem o Atlas das grandes cavernas do Brasil?

São 300 páginas com mapa, história e fotos das maiores cavernas do Brasil. Um lançamento de 2019 do Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas.

Para reservar seu exemplar entre em contato com atlasbambui2019@gmail.com



Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

The role of microhabitats in structuring cave invertebrate communities in Guatemala.
Insect Conservation and Diversity, 2020,
<https://doi.org/10.1111/icad.12451>

Gabrielle Soares Muniz Pacheco, Marcus Paulo Alves de Oliveira, Enio Cano, Marconi Souza Silva & Rodrigo Lopes Ferreira

Neste estudo, investigamos como a riqueza e a composição de espécies de invertebrados cavernícolas da Guatemala respondem aos diferentes tipos de substrato, assim como à diversidade de substratos disponíveis na caverna. Descobrimos que a presença de guano é um forte estruturador da comunidade de organismos não troglóbios, enquanto organismos troglóbios respondem melhor à presença de microhabitats. Discutimos como os invertebrados podem se distribuir na caverna de acordo com o substrato e relacionamos esses resultados à alta especialização dos organismos troglóbios ao ambiente subterrâneo.

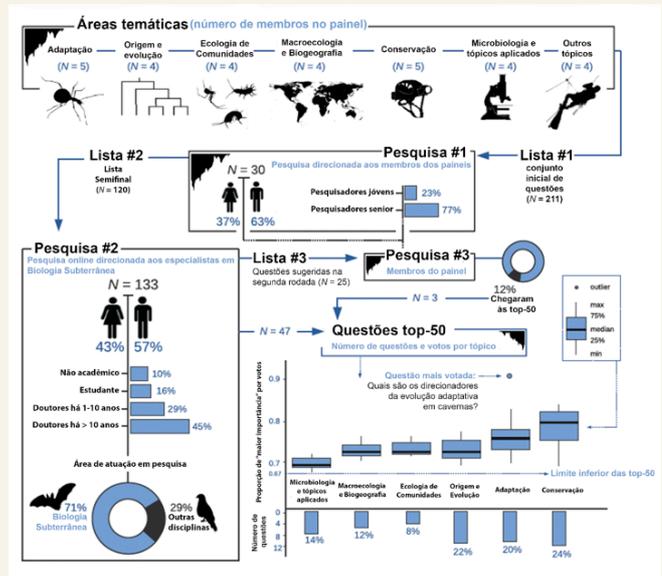


Algumas das espécies troglóbias encontradas nas cavernas da Guatemala. a) Araneae (Corinnidae); b) Diplura (Campodeidae, *Juxtacampa* sp. n.); c) Isopoda (*Styloniscidae*); d) Pseudoscorpiones (*Ideoroncidae*, *Typhoroncus guatemalensis*); e) Opliones (*Stygnopsidae*); f) *Thysanura* (*Nicoletiidae*, *Anelpistina* sp. n.); g) *Polydesmida* (*Chelodesmidae*); h) *Polydesmida* (*Pyrgodesmidae*); i) *Polydesmida* (*Paradoxosomatidae*).

Fundamental research questions in subterranean biology. *Biological Reviews*, 2020, doi: 10.1111/brv.12642

Stefano Mammola, Isabel R. Amorim, Maria E. Bichuette, Paulo A. V. Borges, Naowarat Cheeptham, Steven J. B. Cooper, David C. Culver, Louis Deharveng, David Eme, Rodrigo Lopes Ferreira, Cene Fišer, Žiga Fišer, Daniel W. Fong, Christian Griebler, William R. Jeffery, Jure Jugovic, Johanna E. Kowalko, Thomas M. Lilley, Florian Malard, Raoul Manenti, Alejandro Martínez, Melissa B. Meierhofer, Matthew L. Niemiller, Diana E. Northup, Thais G. Pellegrini, Tanja Pipan, Meredith Protas, Ana Sofia P. S. Rebeloira, Michael P. Venarsky, J. Judson Wynne, Maja Zagamjster and Pedro Cardoso

O artigo recém publicado na “Biological Reviews” traz à tona uma discussão que surgiu há mais de 50 anos tratando as cavernas como laboratórios naturais. A atual disponibilização de grandes bancos de dados, juntamente com avanços em ferramentas genéticas e de modelagem, possibilita a retomada de antigas questões além de novas abordagens e desafios. A partir deste cenário, reuniu-se a opinião de 30 experts no assunto (incluindo 3 brasileiros) e foram aplicados questionários online à 130 bioespeleólogos, para eleger as 50 questões prioritárias para pesquisa em biologia subterrânea.



Fluxo de trabalho da pesquisa, resumo das estatísticas dos números obtidos a cada rodada de pesquisa com os participantes e a divisão por área de assunto das top-50 perguntas em biologia subterrânea.

Livraria do EGB
 egb.org.br/loja



livros de referênci

61 99999-6889 - tesouraria@egb.org.br



Sociedade Excursionista e Espeleológica – SEE

Fundação: 12/10/1937

Por Wilker Soares
Diretor de Imprensa e Divulgação da SEE/UFOP

Neste ano de 2020 a SEE comemora os seus 83 anos de fundação. A história da sociedade começou no ano de 1937, quando um grupo de alunos da então Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, inspirados pela leitura de publicações estrangeiras relacionadas a um ramo novo das Ciências Naturais, a Espeleologia, fundaram a Sociedade Excursionista e Espeleológica (SES). Hoje a entidade é denominada: Sociedade Excursionista e Espeleológica dos Alunos da Escola de Minas de Ouro Preto (SEE).

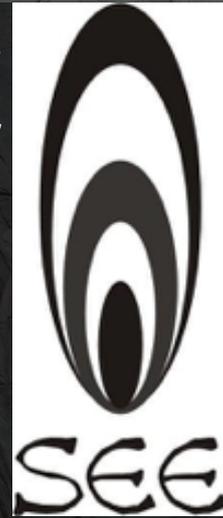
Desde a sua fundação a SEE caracterizou-se pela realização de estudos científicos de elevado padrão técnico, abrangendo todas as áreas da espeleologia. Sua intensa atuação é registrada pela publicação da Revista Espeleologia, a realização de trabalhos por todo o território nacional e o número cada vez maior de TCCs, teses de mestrado e doutorado desenvolvidos com a entidade. A SEE também sempre teve um importante papel na formação acadêmica dos membros que nela atuaram, desde então, sucessivas gerações de alunos da Escola de Minas e posteriormente da UFOP, continuam seguindo os ideais de seus fundadores: Victor Dequech, Walter Von Krüger, Paulo Aníbal M. de Almeida Rolff, Lisanel de Melo Motta, Murilo de Andrade Abreu e Sandoval C. de Almeida.

O vínculo histórico com a Escola de Minas e a Universidade Federal de Ouro Preto conferiu um caráter único à entidade, permitindo a renovação constante do quadro de membros, além do apoio e suporte institucional, proporcionando a realização de atividades de pesquisas espeleológicas ininterruptas desde a sua fundação até os dias atuais.

A SEE esteve presente em muitas descobertas e mapeamento de grandes cavernas brasileiras. A instituição também participa ativamente na realização de eventos e congressos espeleológicos, que a cada dez anos retomam a Ouro Preto – MG, cidade sede da Sociedade. Em 1969 auxiliou na criação da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), sendo a primeira associada e publicando também neste mesmo ano a Revista Espeleologia, primeira totalmente dedicada à área no Brasil, atualmente a revista é disponibilizada periodicamente de forma digital no site da SEE.

Mesmo no período de pandemia que atualmente nos encontramos, a SEE deu continuidade às suas atividades, atuando de forma remota na produção dos trabalhos. Neste período, foram realizados eventos como a primeira edição virtual da Claraboia Espeleológica, além de atividades de escritório dos projetos de Caracterização do Patrimônio Espeleológico do Parque Nacional das Sempre Vivas e do Projeto Cadastro e Avaliação dos

“Desde 1937
mantendo a
chama acesa”



Aspectos Espeleoturísticos das Cavernas do Parque Estadual do Ibitipoca (IBITITUR).

Ainda neste ano aconteceu o lançamento do programa de topografia de Cavernas TOPGRU, que se encontra disponível para download gratuito no site da SEE (<https://see.ufop.br/>). Além desses projetos a SEE também continua com a suas reuniões semanais nas terças feiras às 19:30h, no entanto, a chama vem sendo mantida acesa de forma remota por meio de reuniões virtuais.

Ao longo da sua história a SEE contou com importantes passagens e contribuições de diversos membros, lembrando sempre da necessidade da manutenção da discussão sobre a espeleologia na sociedade. Aqui alguns depoimentos de membros da SEE que tanto contribuíram e que ainda têm a contribuir para o enriquecimento da sua história:

Billy von Krüger, membro da SEE desde 1975 e filho do Sócio Fundador da SEE Walter José von Krüger.

“Um dos motivos, da minha escolha pela Escola de Minas, foi a certeza de participar da SEE. Como filho do fundador, que se dedicou à tarefa de despertar o interesse dos alunos, pelas grutas, percebo, um paralelo, inusitado, em nosso “espéleo” batismo. Ele, na Gruta do Estudante e eu, no complexo de cavernas do Peruaçu. Partimos sozinhos, após a saída oficial, sendo que eu, consegui encontrar o grupo, graças ao empenho do nosso motorista do “Caixotinho”, José Luiz, que me aguardou na rodoviária de Januária, diferente dele, que não conseguiu as coordenadas para chegar ao local do encontro”.

Victória Dias, frequentadora aspirante desde 2019, primeiro ano do curso de Engenharia Geológica da UFOP.

“Conheci a SEE, em uma apresentação das entidades estudantis na minha primeira semana como caloura. Fiquei curiosa com a história e as expedições. Comecei a me interessar por caverna quando tinha 12 anos, em uma excursão da minha escola, na Gruta Rei do Mato. E vi na SEE uma oportunidade de me aprofundar e conhecer esse mundo da espeleologia. Participei do Curso de Introdução à Espeleologia (CIE) no segundo semestre de 2019, na Gruta da Morena em



Cordisburgo e fiquei ainda mais encantada, com as palestras e o campo. E foi através desse campo que decidi me juntar à entidade”.

José Mota Neto, membro da SEE desde 2016 e atual presidente do grupo.

“Bastou a minha primeira saída de campo com a SEE, na Gruta Morena (Cordisburgo, MG), para que eu me apaixonasse pelo mundo subterrâneo. Desde então, a oportunidade de participar de um grupo com tanta tradição, proporcionou momentos únicos para minha vida. Aqui eu fiz amizades sinceras que considero como uma família, aprendi técnicas e metodologias que muito agrega à minha formação acadêmica e por meio destas, tive meu primeiro contato com o mercado de trabalho”.



3ª Expedição da SEE, em Lagoa Santa (MG) 1939.



Membros da SEE em Matozinhos (MG) na década de 70.

Neste aniversário de 83 anos agradeço, em nome da SEE, a todas as pessoas que por aqui passaram e de alguma forma contribuíram para o crescimento do grupo e da espeleologia nacional.

Vida longa à SEE!

Contatos e canais nas redes sociais:

[SITE](#) / [FACEBOOK](#) / [YOUTUBE](#) / [INSTAGRAM](#)

E-mail: see@ufop.edu.br



Expedição em Matozinhos (MG), 1984.



Membros da SEE no 35o Congresso Brasileiro de Espeleologia, em Bonito (MS), 2019.

Espeleo Grupo de Brasília – EGB

Fundação: 21/10/1977



O Espeleogrupo completa, em 2020, 43 anos de existência com atuações no meio ambiente e na espeleologia do Brasil Central. O grupo foi idealizado em 1973, pelo, então sargento do Exército, Fernando Quadrado Leite, para buscar e conhecer as preciosidades do Centro-Oeste. Inicialmente as explorações se pautaram nas pequenas grutas calcárias do Distrito Federal, mas logo em seus primeiros anos de existência, já pautou por atividades maiores. Assim, a primeira grande caverna visitada pelo EGB foi a Gruta da Fazenda Corumbá, hoje Gruta dos Ecos – GO 018, uma das maiores cavernas em micaxisto do mundo. Desde então, a paixão pelo subterrâneo e a desbravagem do desconhecido foi passada a cada geração de novos membros.

A oficialização do EGB só ocorreu 4 anos após o início de suas atividades, sendo uma das primeiras ONGs de atividades ambientais criadas no Distrito Federal. E nestes anos todos dedicados à espeleologia, o EGB vem desenvolvendo trabalhos em vários Estados brasileiros, promovendo a descoberta e estudo de centenas de cavernas e lutando por sua preservação.

Nos últimos anos, o EGB tem trabalhado nas regiões de Paracatu-MG, Unai-MG, Formoso-MG, Padre Bernardo-GO, Nova Roma-GO, com explorações esporádicas e grandes expedições para a prospecção, topografia e documentação das cavernas nessa região. Podemos destacar a exploração e topografia do Sistema Espeleológico do Rio Areias, uma das maiores cavernas do Brasil, Projeto Grandes Dolinas de Padre Bernardo, com a descobertas de cavernas submersas, e a topografia da caverna Cabeceira d'água.

Infelizmente, este ano de 2020 não nos permite explorar as cavernas da forma como gostaríamos, porém, aproveitamos para nos tornar mais fortes coletivamente apoiando as atividades virtuais e de assistência aos mais afetados por essa crise. E esperamos voltar com todo o fôlego para 2021, o qual será realizado o 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia, organizado por EGB, GREGEO-UnB e PequiEspeleo, e com realização da SBE e CECAV. Aguardamos todos em Brasília para a realização do congresso e que possamos encontrar velhos amigos e criar amizades e parcerias.

Contatos e canais nas redes sociais:

[SITE](#) / [FACEBOOK](#) / [YOUTUBE](#) / [INSTAGRAM](#)

E-mail: secretaria@egb.org.br



Expedição de campo do Projeto Grandes Dolinas de Padre Bernardo. Essa atividade foi realizada em conjunto com o PequiEspeleo.



Saída de campo do curso de noções básicas em espeleologia, ministrado no segundo semestre de 2019. A atividade visa integrar os membros novos às atividades do EGB e é o primeiro contato de muitas pessoas com o mundo subterrâneo.



Aulas teóricas do curso de noções básicas em espeleologia. Todos os anos, vários interessados procuram o grupo para conhecer mais sobre o mundo das cavernas.



Reunião ordinária do EGB realizada em nossa sede, na Asa Sul.



Núcleo de Atividades Espeleológicas – NAE

Fundação: 25/10/1981

Marco Antônio Fernandes Cardoso

Espeleólogo Fundador e Membro Ativo do Núcleo de Atividades Espeleológicas (NAE)



Sempre gostei de ciência e aventura, afinal, é isso que sobra à um pré-adolescente, ruim de bola e tímido. Fazia caminhadas, escaladas e acampamentos numa época em que isso era coisa de loucos aventureiros, gostava de brincar com produtos químicos e obter reações no mínimo temerárias como produzir nitroglicerina em casa e guardar no congelador da geladeira da mamãe.

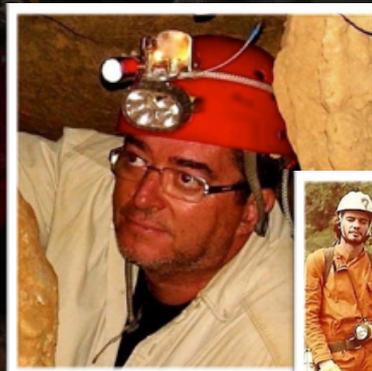
Numa dessas caminhadas com o meu amigo Edmundo Abi-Ackel, aprendi com ele que os minerais têm aspectos e composições químicas definidos e diante dessa informação comecei a considerar a possibilidade de combinar caminhadas, minerais e química. E deu certo até demais. Isso foi por volta de 1972 em plena ditadura militar e o milagre brasileiro junto com o Sesquicentenário da Independência, a volta dos restos mortais de D. Pedro I ao Brasil e eu com meus 15 anos.

No Brasil, naqueles tempos, sabia-se muito pouco sobre Espeleologia, pelo menos era o que eu achava (e eu estava certo), na verdade eu nem sabia que explorar e pesquisar cavernas sequer tinha um nome específico. Resolvi buscar informações sobre o tema e quem sabe alguma literatura. Foi quando eu procurei a Livraria Oliveira e Costa e perguntei à um atendente se havia algum livro que se referia a cavernas. Ele então chamou o gerente da loja, o Sr. César (nunca perguntei seu nome completo, infelizmente) foi quem me apresentou a palavra “Espeleologia” até então completa desconhecida para mim, me explicou o significado e a etimologia da mesma.

No ano de 1980, fui convidado pelo CPG à proferir uma palestra sobre espeleologia, para cerca de duzentas pessoas no auditório do antigo IBDF, hoje IBAMA, então com 24 anos, fui procurado após a palestra, por um pequeno grupo de pessoas que queria praticar espeleologia e saber mais a respeito do assunto, entre estas pessoas estavam nada menos que Augusto Sarreiro Auler, Raquel Abi-Sâmara dentre outros. Naquela época, como membro do hoje extinto CPG, eu estava um pouco cansado de participar de um grupo com reuniões intermináveis e lotadas de gente, e que de prático produzia pouco. Então apresentei a seguinte proposta: “Eu estou fazendo espeleologia sozinho, mas estou disposto a fundar um novo grupo exclusivamente de espeleologia desde que ele tenha no máximo umas vinte pessoas dispostas a se dedicar real mente”. Começava ali, uma proposta que resultaria na fundação do NAE-Núcleo de Atividades Espeleológicas, que foi o primeiro grupo dedicado exclusivamente à espeleologia no Brasil até então. Há de se ressaltar que muitos grupos se dedicavam à atividade espeleológica mas junto com outras atividades afins como excursionismo, escalada, montanhismo, mergulho, etc. O NAE, rompia com este paradigma. Aos poucos foi se estruturando, padronizando

métodos, equipamentos e até a indumentária. Acreditávamos que um grupo que se apresentasse bem organizado passaria mais confiança e credibilidade e de fato isso ocorreu. Seus resultados também começaram a crescer, bem como o número de membros. Em menos de dois anos, dentro do NAE uma dicotomia deu origem à um dos mais relevantes grupos de espeleologia do Brasil, o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas projetando o nome da espeleologia mineira além das fronteiras do nosso estado e do Brasil. Pessoalmente considero o GBPE um dos mais relevantes grupos de espeleologia do mundo, fundado e liderado pelo espeleólogo Augusto Sarreiro Auler, o GBPE deu grande visibilidade e relevância à espeleologia brasileira numa dinâmica até então nunca vista por aqui. É bom saber que ainda que indiretamente o NAE participou daquele momento.

Essa dedicação ao ensino e à difusão da espeleologia deu frutos. Através de palestras e cursos e na participação direta na fundação de novos grupos dedicados à prática espeleológica surgiram alguns grupos cuja fundação estava ligada à participação, presença ou orientação do NAE. Alguns destes grupos assim como o NAE, existem e estão ativos até hoje. Podemos citar em Belo Horizonte o CEEBEL; o ESPAM; o Grupo Peter Lund e o Guano Speleo este último muito ativo e dinâmico até hoje. Apoiamos o Grupo Movimento Por Poções em Pedro Leopoldo; o Grupo Peter Lund em Montes Claros. Neste ano, o NAE completa 39 anos, Temos muito o que contar, temos mais ainda a comemorar, mas temos ainda muito mais à agradecer. Agradecer àqueles que vieram antes de nós e iluminaram nossos caminhos.



Marco Antônio Cardoso – Membro fundador do NAE



Nelson Batista, Marco Antônio Fernandes Cardoso, Mara Souza e Augusto Auler. Gruta do Salitre, 1982.



Iolly Vasconcelos
Geóloga

Meu primeiro contato com a espeleologia foi no primeiro semestre da faculdade de Geologia numa aula de campo. Foi amor repentino. A partir daí, comecei a buscar grupos, onde poderia me aprofundar. Foi quando uma amiga de academia a Sônia Rocha, me indicou o NAE do qual ela fazia parte e me passou o contato telefônico do Marco Antônio. Ele me recebeu prontamente e me passou as orientações adequadas para participar do grupo. É de se perceber pelo acolhimento, que o NAE tem o perfil de viés didático. Fui muito bem recebida e logo me senti em casa, entre amigos, como numa família. A cada saída de campo, uma nova experiência e aprendizado. Soma-se à isso as explicações em campo, verdadeiras aulas compartilhadas por todos. O conhecimento, o apoio e a experiência daqueles que há 40 anos ou mais se dedicam às cavernas é algo difícil de descrever. A cada gesto ou palavra, a disposição de ajudar e ensinar. Com o apoio do NAE eu tive a oportunidade de realizar meu trabalho de conclusão de curso, um Levantamento Preliminar Geoespeleológico do Parque Estadual Cerca Grande. Atualmente, trabalho como consultora ambiental com foco em estudos espeleológicos.

A espeleologia é mais que uma ciência, é um estilo de vida. E esse estilo de vida, de conexão com a natureza, foi descoberto por mim com a ajuda e apoio do NAE.



Maurício Cravo, Mauro Viotto, Nelson Baptista e Marcos Brito. Gruta do Tobogã.



Iolly Vasconcelos

Contato e redes sociais:

Facebook / Instagram

E-mail:

nae.espeleo@gmail.com



As mulheres do NAE Gruta do Tobogã, 2016. Débora Máfia, Dyana Cardoso, Estela Sales e Iolly Vasconcelos.

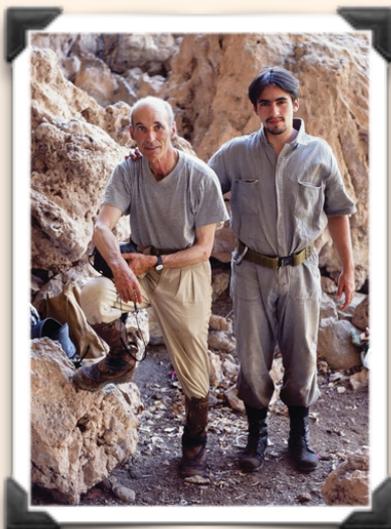




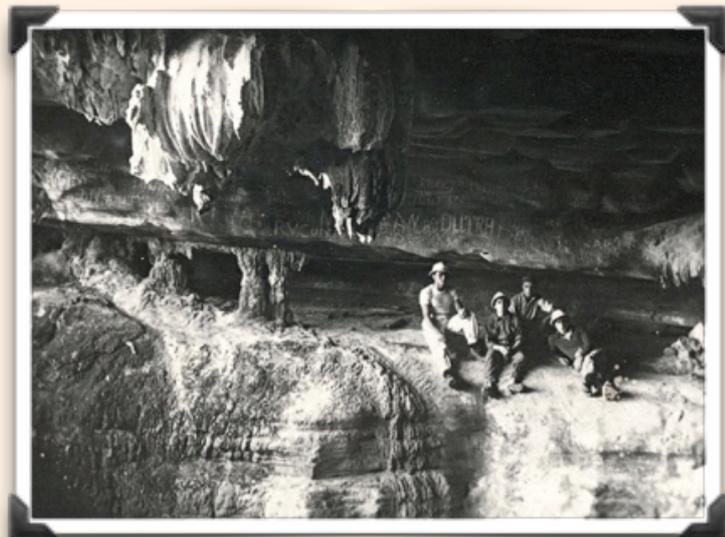
Veados passando por uma pastagem. Autor Michel Le Bret.



FOTOS dos LEITORES



Michel Le Bret (SBE sócio nº 001) com Fred Lott (SBE sócio nº 1800) em Janelão, Peruaçu. Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Foto: Vitor Moura, 1995.



Visita dos espeleólogos da SEE à Gruta da Lapinha, Lagoa Santa, Minas Gerais, em 1939, uma das primeiras expedições após a fundação em 1937. Acervo SEE/UFOP.





Agenda



Toca da Boa Vista
Dia 26/10, às 19h no [Canal do Bambuí no Youtube](#)

36° CBE, 02/06 a 05/06 de 2021,
Brasília/DF

MISSÃO

A SBE Notícias é o Boletim Eletrônico da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) que possui dentre os objetivos transmitir as notícias da Espeleologia aos interessados no assunto, bem como servir de acervo do conteúdo produzido e atividades realizadas pelos Grupos atuantes na Espeleologia e também pelos espeleólogos independentes. Visamos também manter os sócios da SBE informados do andamento dos trabalhos desenvolvidos pela atual Diretoria.

Para enviar contribuições, críticas, elogios e sugestões utilize o e-mail de contato da comissão editorial. Contamos com vocês para construir um SBE – Notícias mais completo e interessante.

Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE

Endereço da sede SBE:

Avenida Dr. Heitor Penteado, sem número
Portão 2 (frente 1655) Parque Taquaral,
Campinas/ SP

Endereço de correspondências:

Caixa Postal 7031, Campinas/SP - CEP
13076-970

Todas as edições estão disponíveis em
www.cavernas.org.br/sbenoticias.asp

A reprodução é permitida, desde que
citada a fonte.

Quer se cadastrar para receber as próximas edições por e-mail?

Envie a solicitação para o e-mail:
sbe@cavernas.org.br



Comissão Editorial:

Roberto Cassimiro
Elizandra Goldoni Gomig
Lucas Rabelo

Contato:

sbenoticias@cavernas.org.br

Capa: Caverna no município Coração de
Jesus, Minas Gerais;

Foto: Mário Corbani Filho, 1974. Acervo SEE.

Editoração: Daniel Menin



Contribua com o informativo

O boletim tem sido elaborado de forma colaborativa e está aberto a contribuições de toda a comunidade espeleológica. É divulgado na primeira semana de cada mês, entretanto, caso tenha interesse em contribuir com conteúdo, os textos e imagens devem ser encaminhados ao corpo editorial pelo email de contato até o dia 20, para que possam ser incluídos na próxima edição.

Todos estão convidados e aptos a participar das edições da SBE – Notícias. Você pode contribuir com relatos das ações de seu grupo, divulgação de atividades e conteúdo pertinente. Contudo, torne seu texto atraente ao leitor, seja sintético, foque o mais importante da história e evite citar listas de nomes. Inicie com um parágrafo explicativo, sempre que possível respondendo perguntas simples, como: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?". Os textos não devem ultrapassar duas páginas sendo formatados com as letras em tamanho 12, espaçamento simples e margem normal. Recomenda-se o envio de ao menos quatro figuras alusivas ao conteúdo, a fim de tornar a contribuição mais atrativa ao leitor. Não esqueça de referenciá-las sempre, da maneira mais completa possível.

Temos também a sessão de divulgação de trabalhos científicos, destinada a dar visibilidade às publicações de espeleólogos brasileiros que saíram no mês ao qual a edição do informativo é referente. Para divulgar seu trabalho científico, basta nos enviar um pequeno resumo de até sete linhas seguindo a mesma formatação sugerida para os demais textos de contribuição e uma figura ilustrativa.

Você também pode contribuir na seção "Foto do Leitor", basta enviar suas fotos com nome do fotógrafo, caverna, data, município onde a imagem foi captada, bem como na seção "Arte do Leitor", basta enviar um poema, uma gravura, um desenho com o tema Espeleologia ou temas afins.

Apoio



PREFEITURA MUNICIPAL
DE CAMPINAS

A SBE é filiada

